



VOZ OPERÁRIA

Num. 196 ★ Rio de Janeiro, 21-2-1953

REVISÃO DO PROCESSO DOS ROSENBERG

MATERIA NA
PAGINA 10

Pela aplicação das resoluções do Congresso dos Povos Pela Paz

A medida que chegou ao conhecimento dos povos do mundo inteiro as resoluções do memorável Congresso dos Povos Pela Paz, que as amplas massas vão se inteirando de seus apêlos, mensagens e recomendações, aumenta e cresce o apoio às medidas ali propostas.

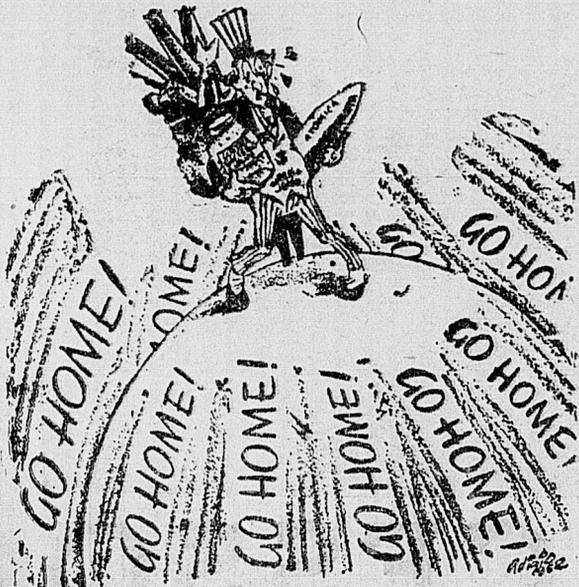
Com efeito, nenhuma pessoa de caráter bem formado e dotada de bom senso pode deixar de dar o seu apoio ao reiterado apêlo para que cesse a destruição de cidades e países, para que se ponha um fim à guerra fria e a louca corrida armamentista, para que sejam imediatamente iniciadas as conversações entre as cinco grandes potências visando a conclusão dum Pacto de Paz e se ponha um fim à sangueira na Coreia, no Vietnã e em outros lugares onde corre o sangue humano. As recomendações sobre os problemas alemão e japonês, para impedir que se reacendam os dois braseiros da última guerra, sobre a importância e necessidade do intercâmbio econômico e cultural e para que a ONU volte a ser o terreno comum para o entendimento dos povos desorientados para milhões de pessoas de boa vontade o caminho que conduz à paz, bem supremo e máxima aspiração de todos.

A divulgação e a luta pela aplicação das históricas resoluções do Congresso de Viena em nossa pátria tomarão um considerável impulso com a reunião do Conselho Nacional do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, convocado para os dias 27 e 28 de fevereiro corrente, em S. Paulo. Essa reunião destina-se a ser mais uma vibrante e positiva demonstração dos sentimentos de paz do povo brasileiro e de sua disposição resoluta de fazer prevalecer a causa da paz sobre as maquinações sinistras dos fazedores de guerra. A reunião do Conselho do MBPP refletirá certamente o crescimento e a ampliação das forças que lutam pela paz em nosso país.

Cresce a significação da reunião no momento atual diante das tentativas do imperialismo para impôr ao Brasil um acôrdo militar escravizador, para lançar os jovens brasileiros no matadouro da guerra. O governo de traição de Getúlio, composto de lacaios descaçados do imperialismo ianque e despido de qualquer vestígio de dignidade nacional apressa-se em vender o sangue precioso dos moços brasileiros em troca de dólares. Não é outro objetivo da manobra sôrdida do «voluntariado» para a Coreia.

Esta situação indica a necessidade de reforçar e organizar o movimento em defesa da paz, de aplicar em nosso país as resoluções do Congresso dos Povos objetivo da reunião do M. B. P. P., em S. Paulo. No apêlo do Congresso dos Povos os pactos militares são denunciados como «ameaça grave à segurança de um país que pode se ver levado à guerra contra sua vontade». A propósito convém ter sempre presente a indicação de Malenkov em seu informe ao XIV Congresso do PC da URSS: «A questão consiste agora, em intensificar ainda mais a atividade das massas populares, em reforçar o espírito de organização dos partidários da paz, em denunciar incessantemente os fatores de guerra e não deixá-los enganar os povos com a mentira».

Eis, efetivamente, a questão do momento: reforçar e ampliar o movimento de nosso povo em defesa da paz, criar novos e numerosos Conselhos de Paz, divulgar as resoluções do Congresso dos Povos, intensificar a luta por um Pacto de Paz, contra o acôrdo militar, contra o envio de tropas, pela cessação do fogo na Coreia.



Ianques, «go home!» — é o brado que os traficantes de guerra americanos ouvem em todos os países por eles oprimidos

VOZ DOS LEITORES

Getúlio Nem Responde Mais

Pego na péla para contar aos demais leitores de VOZ OPERÁRIA a verdadeira vida que nós camponeses de Morro Agudo enfrentamos. Eu, por exemplo, sou pai de oito filhos, todos menores de idade, e até outubro do ano passado tinha de sustentá-los com um miserável salário de 25 cruzeiros por dia. Vendo que as coisas, assim, não podiam ir para a frente resolvi enfrentar o trabalho da plantação de cereais, em terreno cedido à «meia». Agora estou plantando arroz e algodão e antes de receber qualquer dinheiro tenho de pagar juros de 1 a 2% mensais para poder comprar fiado no «fornecimento», pagar as despesas com farmácia e médico, roupa, adubos etc. No fim de todo esse trabalho o que vai me restar é uma dívida com a fazenda, o mesmo que aconteceu com um outro camponês, que no ano passado depois de sua colheita atingir a mais de Cr\$ 30.000,00 foi ver qual era o saldo e acabou sabendo que a administração da fazenda em suas contas assentara ainda por cima uma dívida de 6 mil cruzeiros. O camponês vítima desse roubo foi reclamar no Departamento Agrícola mas lá os patrões não quiseram lhe mostrar a conta corrente de suas despesas, fazendo ainda por cima uma grande emburalhada. O camponês que sofreu tamanho roubo pensou que escrevendo para Getúlio este daria um jeito na questão mas até hoje não recebeu sequer uma resposta daquele demagogico.

JOAO EVANGELISTA (MORRO AGUDO, SÃO PAULO)

Dupla Revista Na Light

Do leitor Carlos Batista, da capital do Estado de São Paulo, recebemos a seguinte carta:

«A Light se aproveita dos favores e da autoridade que lhe propicia o governo para intensificar a exploração de seus milhares de trabalhadores.

A princípio, alegando que os trabalhadores introduziam bebidas alcoólicas nas Oficinas de Cambuci, os sabotadores de nossa indústria determinaram a seus lacaios e ao chefe de Boejão que procedesse à revista das pastas e emrolhos de todos os operários, na entrada e na saída do trabalho. Por aí já se via perfeitamente que as intenções dos gringos eram bem outras. Porque, se de fato, os operários introduzissem bebidas alcoólicas no serviço, não haveria necessidade de revistá-los na saída. Ademais os verdadeiros cachaceiros são os próprios gringos que vivem bebendo uisque e outras «canas» precedentes dos Estados Unidos. Isso ficou provado, logo, pois, os salteadores imperialistas cedo

tiraram a máscara: afixaram em todos os locais de trabalho circulares proibindo a organização de abaixo-assinados, listas e vendas de rifas e de outras coisas, «salvo casos muito especiais, expressamente autorizados por esta Superintendência». Com tal circular visavam os gringos impedir que os operários se organizassem e lutassem contra os salários de fome ou ainda prestassem ajuda a seus companheiros necessitados, enfim sabotar a solidariedade proletária.

As circulares vieram causar grandes prejuízos para os trabalhadores que ficaram ainda privados de auxiliar em seus companheiros abandonados pela companhia. Assim alguns operários que tentavam melhorar seus salários vendendo fugigangas dentro das oficinas não mais poderão comercializá-las. Os gringos imperialistas querem que estes trabalhadores morram de fome, com suas famílias e filhos.

Por tudo isso os operários estão ficando revoltados sendo frequentes os atritos entre os trabalhadores e o bajulador chamado Borjão. Agora, com as novas leis, dadas pelo pacelamento para proteger os patrões e as grandes empresas do tipo Light, a coisa vai ficar muito pior. Por serem homens honestos, de maneira nenhuma, os operários se submetem à Light».

Crime em Apucarana

No dia 20 de janeiro um crime levantou o ódio do povo de Apucarana.

Um grupo de cidadãos vindos de Torneias D'Este município de Campos do Mourão, veio fazer compras nesta cidade. Por volta das 18,30 entraram num bar, onde se detiveram a conversar sobre seus assuntos. Não tardou muito, entrou no estabelecimento um indivíduo que se intrometeu na conversa e provocou a todos. Um dos homens do grupo, Benedito Aparecido, retrucou ao intrometido, que pouco depois saiu. Foi então que um dos presentes informou-lhe que o intruso era cabo da Guarda Urbana, órgão complementar da polícia no norte do Paraná, com chefia em Londrina, mas diretamente subordinada às Delegacias de Polícia.

Em vista do aviso, Benedito saiu do bar a fim de evitar qualquer dor de cabeça. Mas o provocador pouco depois localizou-o na pensão onde jantava. O guarda, já envergando sua farda azul, pegou Benedito pelo braço e empurrou-o para fora. Benedito mostrou-lhe seus documentos de motorista profissional. Mas de que valem documentos dum trabalhador para a polícia habituada a assassinar operários? O bandido, de nome Antonio Gomes, deu dois tiros entre os pés de Benedito, que foi forçado a acompanhá-lo. Depois de alguns passos, o policial começou a espancá-lo com cassete. Procurando defender-se, Benedito deu soco na cara de Antonio Gomes, que sacando de seu revolver desfechou três tiros no peito de sua indefesa vítima, que faleceu depois de se arrastar uns cem metros. Populares e motoristas quiseram linchar o policial. Mas seu colega Benedito Reis

salvou-o, levando-o à delegacia para Inglês ver.

E' assim que age a polícia de Getúlio Vargas e Bento Munhoz. Esse é que é o regime em que vivemos. E assim que Benedito Aparecido, expulso de Porecatu pela polícia do governo de Dutra e Lupion, vem a ser vítima da polícia de Bento e Getúlio, deixando quatro filhos menores.

A decomposição do regime atinge todos os setores. O banditismo está no governo. Um governo continua e aumenta os crimes do governo anterior. Por isso morreu Benedito Aparecido. Porque enquanto esse regime não for mudado cada governo será pior do que o anterior.

Luiz Antonio Fagundes — (Apucarana)

Na Fábrica Ford

Nós, que somos operários e trabalhamos nesta poderosa empresa, imperialista, ganhamos um baixo salário e estamos sujeitos a um rigor que nos obriga a produzir mais do que nossas forças permitem. Somos perseguidos e espiados por caguetas da marca de Cailão, Zanetti, Miguelzinho, Pedro Wagner, etc. Todos esses «escarçados» fascistas devem ser repudiados por todos nós.

As condições de trabalho são as mais precárias possíveis. Os locais de trabalho são muito apertados e não há espaço. Com o horário corrido, o operário fica tonto de tanto serviço. Conforme a hora, a produção tem de sair de qualquer jeito. Em todas as paredes há cartazes da tal de «Cipa» para evitar acidentes. Mas, como evitar acidentes se o trabalho é corrido e as latarias cortam como navalha?

A polícia interna faz a revista dos operários duas vezes por dia, revistando-nos dos pés à cabeça. Esta polícia é dirigida pelo tira Cesar Manotti e pelo inspetor Laglota.

As refeições são fornecidas pelo tal de «Sesi» e pagas por etapa como no quartel. A comida além de ser pouca não tem tempero nenhum. As instalações sanitárias são uma verdadeira imundície, as bacias estão sempre entupidas e são lavadas somente uma vez por dia.

A Ford só quer saber da produção. Contrata um número elevado de operários e mete o pau no serviço. Depois vêm os cortes. Ninguém tem segurança no serviço. Os chefes do tipo de Monteirão, Mister Masca-masca, Rodrigues e outros mais, ganham um horror de dinheiro e no fim do ano ainda têm uma gorda gratificação e um belo carro de passeio montado especialmente para eles.

Deixo aqui o meu apelo conclamando os companheiros operários e se unirem solidamente e se sindicalizarem em massa. Todos unidos podemos acabar com essa situação. Podemos conquistar nossas reivindicações e fazer com que surja um novo regime em que os operários não sejam escravos de Mister Masca-masca, mas um regime de paz e liberdade como está indicado no programa da Frente Democrática de Libertação Nacional.

Reinaldo Severo (S. Paulo)

Greve na Fazenda De Cacáu

Na fazenda Santa Luzia do latifundiário Francisc Fontes, em Itabuna, os trabalhadores são impiedosamente explorados e perseguidos. Mas não se curvam à exploração e, para melhor lutar pela seus direitos, ingressaram quase todos no Sindicato Agrícola. Frequentando as assembleias do Sindicato, tomaram conhecimento dos direitos que têm pela lei, como seja o de férias. Começaram então a reclamar o pagamento das férias. O empregado da fazenda passou a perseguir trabalhadores sindicalizados que são a grande maioria da fazenda.

No dia 21 de janeiro, na hora do ponto, o empregado disse que para o velho Batista e sua família, não tinha trabalho. O velho Batista foi o mais visado por ser um dos primeiros sindicalizados e que discute os direitos dos trabalhadores.

A maioria dos trabalhadores protestou. Numa só voz, disseram ao empregado que aquilo era um absurdo e que se o velho Batista não trabalhasse eles também não trabalhariam. Como o empregado fizesse ameaças dizendo inclusive que ia correr sangue na fazenda, ameaçando de chamar polícia, os trabalhadores declararam-se em greve e disseram: «só voltamos ao trabalho com o companheiro Batista». A fazenda ficou parada.

No domingo 25, os grevistas participaram da assembleia na sede do Sindicato, onde tiveram a solidariedade de todos os trabalhadores presentes. A assembleia resolveu que fosse feito um memorial à Justiça do Trabalho narando o fato, o motivo da greve. Foi feito o memorial e incorporados, ao lado de outros trabalhadores e de dirigentes do sindicato, rumaram para a casa do representante em exercício da Justiça do Trabalho, o promotor público. Com a chegada do empregado, entraram em negociações, exigindo os grevistas para voltarem ao trabalho 1) Não serem demitidos os Batista e não serem mais perseguidos os sindicalizados;

2) Pagamento dos dias de greve a todos os grevistas e 3) pagamento das férias a quem têm direito. As condições dos grevistas foram aceitas ficando do só as férias para serem resolvidas na próxima vinda à fazenda do taturá. — Humberto Vita (Bahia)

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOAO BATISTA DE
LIMA E SILVA

MATRIZ: Av. Rio Branco,
257 - 17º andar - Sala 1712
SUCURSAIS
SÃO PAULO — Rua dos
Estudantes, 34 - Sala 29;
P. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 527 - S/ 43
RECIFE — Rua da Palma,
295 - Sala 205 — Ed. Sael;
SALVADOR — Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248 - S/ 23

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semetral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA — SALVA — BELEM.

EDUCANDO PARA A GUERRA E O FASCISMO



Quando um jovem se dirige a uma banca de jornais, este é o espetáculo que se lhe oferece: revistas ilicenciosas, com retratos de mulheres semi-nuas, histórias em quadrinhos de conteúdo reconhecidamente pernicioso. Quase nada existe que mereça ser lido pelos jovens ou adultos

QUANDO A CIÊNCIA É COISA DE LOUCOS

A revista «O Guri» de 7 de fevereiro de 1953 anuncia espetacularmente uma aventura de «Os Garotos» no combate ao «Louco da Montanha do Horror». Em que consiste essa história tão cheia de terror e lugubridade? Simplesmente numa aventura de um bando de jovens que dão caça a um cientista louco ocupado em transformar homens em autômatos de aço. Afinal Centelha, um dos componentes do grupo de garotos, consegue dominar os desatinos do cientista louco, assassinando-o. A história girando em torno das «realizações» do cientista louco dá a entender claramente que a ciência está ligada à loucura e que portanto não passa de uma grosseira mistificação. Aliás a quase totalidade das histórias em quadrinhos que tratam em seu enredo da ciência apresentaram-na como coisa de loucos, invertendo o real significado e o alcance exato do conhecimento humano. Ora assistimos ao «Cientista Mark» construindo um «Monstro de Aço», (Aliança Juvenil, n. 2, Fevereiro de 1953), ora nos apresentam um homem de ciência confeccionando uma droga miraculosa para fazer cessar a rotação da terra. Esses enredos evidentemente trazem em seu bojo o objetivo da propaganda ianque de imbecilizar as massas, particularmente a juventude através de falsas concepções e mentirosas indicações. Podemos citar a propósito o fato ocorrido com um aluno da primeira série ginásial, do Instituto Lafaiete, do Distrito Federal, que respondendo a uma questão de geografia citou o fictício planeta Mongo como componente do sistema solar. Segundo o registro da imprensa trata-se de um imaginário planeta do enredo de uma das histórias publicadas pelo «Globo Juvenil Mensal» sob o título de «Ming no Planeta Mongo».

OS GENERAIS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

É longa a lista de publicações do sr. Roberto Marinho que trazem as histórias em quadrinhos. Elevam-se a 15 e segundo cálculos da Associação Brasileira de Educação 1.500.000 menores lêem as revistas desse lacaio e servil do imperialismo. Somente o «Globo Juvenil Mensal» tem uma tiragem superior a 200 mil exemplares onde se conclui que pelo menos 200 mil crianças têm mensalmente contacto íntimo com os falsos heróis da propaganda ianque, com os Tocha Humana, Mary Marvel, Titã, Centelha, Flexa Dourada, Corisco, Agente X, Homem Submarino, Manolita, etc. que aparecem naquela publicação infame. Na companhia do sr. Roberto Marinho encontramos ainda a empresa Brasil-América que edita cinco revistas de quadrinhos, a Gráfica Bandeirante, a Empresa Jornalística Aliança, os Diários Associados e finalmente a empresa do desmoralizado Carlos Lacerda, que ajuda na inoculação do veneno em quadrinhos através de uma publicação mensal. Não é por mera casualidade que o aumento da criminalidade entre jovens no Distrito Federal cresceu de

maneira alarmante. O aumento dessa criminalidade coincide perfeitamente com a crescente difusão das revistas em quadrinhos que em 1939 eram apenas 5 e hoje são dezenas. Segundo um relatório distribuído pela Agência Nacional, em 1957 registraram-se 17 casos de furtos e agressões entre menores de 18 anos, no Distrito Federal. Esse número se elevou para 660 em 1948 coincidindo essa elevação com a crescente difusão e aparecimento de novas revistas de histórias em quadrinhos no seio da juventude.

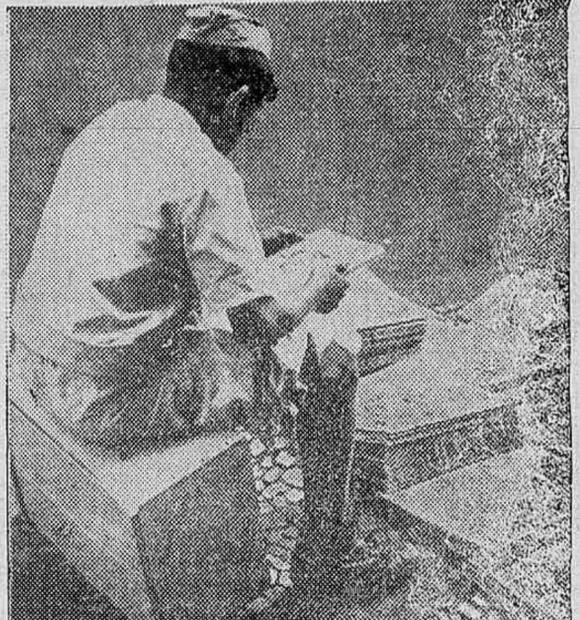
A influência nociva destas publicações é flagrante. Ilustrada inclusive pelos mais numerosos casos de jovens induzidos à prática de crimes pela leitura das publicações em quadrinhos. O célebre crime da estrada do Redentor ocorrido em 1949, no Rio, ilustra com eloquência a nocividade terrível das histórias em quadrinhos. A fim de executar um assalto à mão armada o advogado Valter Manso Sayão tomou como cúmplice o menor Eugenio dos Santos, um guardador de automóveis de 17 anos que confessou um inveterado leitor de histórias em quadrinhos e que na ocasião do crime lia um exemplar de «O Gibi» segundo o próprio depoimento do advogado criminoso em juízo.

COMBATENDO A PRAGA TERRIVEL

Representantes de 50 nações reunidos em dezembro de 1948 na cidade de Londres, num Congresso Internacional de Higiene Mental, fundaram a «World Federation Mental Health» a fim de «cuidarem por todos meios e modos do combate à má literatura infantil». Um relatório do Congresso dado à publicidade concluiu afirmando a respeito, que as histórias em quadrinhos são: «mal desenhadas, mal impressas, um esforço para os olhos juvenis e para os jovens sistemas nervosos, o efeito desses pesadelos em papel de polpa é o de um violento estimulante».

As conclusões do Congresso de Londres provocaram a mais violenta reação na imprensa ianque o que sem dúvida não é de admirar se levarmos em conta que os editores dos «comics books» nos EE. UU. têm um lucro anual superior a 600 milhões de dólares, e a tiragem de suas edições ascende a 80 milhões de exemplares mensalmente.

Em nosso país dezenas de câmaras municipais não festaram o seu repúdio às histórias em quadrinhos ao mesmo tempo em que outras dezenas de sindicatos expressavam igualmente o seu protesto contra a publicação do veneno lento que entorpece os mais puros sentimentos da juventude. Nesse sentido repercutiu intensamente no país o memorial firmado por 310 educadores do Distrito Federal que apelavam para as autoridades do ensino no sentido de ser evitada a disseminação desse terrível veneno que são as histórias em quadrinhos. Idênticas manifestações partiram da Associação Brasileira de Educação, da Associação Brasileira de Escritores, de diversos congressos de jornalistas, reuniões científicas e culturais. A unanimidade de opiniões que condenam o veneno que inocula na juventude brasileira o ódio aos povos que lutam pela liberdade, pela paz e pela independência nacional indica a necessidade de se extirpar de uma vez por todas as histórias exportadas pelos belicistas ianques para a imbecilização das massas juvenis para a propaganda da guerra e do fascismo.



O pequeno jornaleiro, enquanto o freguês não chega, trata de ler alguma coisa. Entretanto, nada encontra para matar sua curiosidade infantil, sua sede de aventuras, senão as famigeradas histórias em quadrinhos.

AS HISTÓRIAS AMERICANAS EM QUADRINHOS EXALTAM CRIMINOSOS COMO HERÓIS, APRESENTAM A CIÊNCIA COMO ASSUNTO DE LOUCOS, PREGAM O RACISMO E FAZEM A PROPAGANDA DE GUERRA

Reportagem de IB MARTINS

Não faz muito tempo a população de Botucatu, Estado de São Paulo, assistiu estupefada à prisão de 12 garotos que se ocupavam em assaltar à noite o pequeno comércio local. O fato permitiu que se descobrisse um rústico esconderijo, cavado num barranco à margem da via-férrea, onde foram encontrados além do produto dos furtos, botões, rendas e quinquilharias, uma quantidade regular de revistas em quadrinhos. Posteriormente o chefe do grupo de pivetes admitiu ser um grande admirador de «Bronco Piler», façanhudo herói da revista mensal de histórias em quadrinhos, «Gibi», uma das inúmeras publicações nocivas à juventude editadas pelo proprietário, do vespertino carioca, «O Globo», o lacaio Roberto Marinho.

Quem é, por exemplo, esse personagem que despertou no menino de Botucatu tanto fascínio e admiração? Esse herói, «Bronco Piler», é simplesmente um grosseiro «cow-boy» do centro-este americano que a pretexto de «combater o crime dos exploradores de ouro» ensina aos seus pequenos leitores a maneira mais eficaz de penetrar secretamente numa casa, de abrir o ferrolho de uma porta ou ainda de remover uma parte do assoalho de uma modesta mercearia. As histórias desse «herói» giram somente em torno de crimes e todo o seu conteúdo se caracteriza pela exaltação do policialismo, do crime e dos baixos sentimentos e instintos dos gangsters ianques.

ATENTANDO A CULTURA

O desprezo à ciência e os atentados à cultura nas histórias em quadrinhos são bem mais alarmantes do que se supõe. Segundo um inquérito do Instituto Nacional de Educação Pedagógica dado à publicidade em fins de 1949, as histórias em quadrinhos contêm uma elevada percentagem de gíria, de outros defeitos de linguagem como «puxa», «okay», «Yés», etc.

De outro lado o inquérito conclui que «80% das histórias examinadas pelo presente trabalho se desenvolvem em ambientes estrangeiros» o que contribui para a ignorância da juventude dos ambientes nacionais, das imensas e vastas regiões do país. Por tudo isso se deduz que dificilmente a criança brasileira conhece as regiões naturais do país o que não acontece em se tratando do oeste estadunidense. O reconhecimento por um órgão oficial do grande mal que vem causando as histórias à juventude não implica porém em qualquer ação do governo e das autoridades em educação de combater as edições de «Guris» e «Gibis» que infestam o país. Muito pelo contrário. O governo assiste complacente e satisfeito a propagação destas terríveis histórias que lhe auxiliam na preparação guerreira e no incremento aos gastos militares.

rois blindado Capitão América, do qual se valem os imperialistas para convencer à juventude de que a guerra é um passeio ou um simples piquenique, não é um caso isolado dentro das histórias em quadrinhos. Atualmente a maioria dos personagens dos quadrinhos, seja o Capitão Marvel, o Tocha Humana, o Príncipe Submarino e outros mais são usados para a propaganda de uma nova hecatombe, incutindo nos jovens através de histórias fantasiosas a mentalidade belicosa dos imperialistas.

Com o apoio da imprensa mercenária os propagandistas da guerra levam a cabo o seu programa criminoso de mistificação. O jornal «Última Hora», ligado intimamente a Vargas, durante longo tempo publicou um folhetim, distribuído juntamente com sua edição diária, no qual apareciam agentes secretos do F. B. I., «dando

combate à sabotagem bolchevista» nos diversos Estados americanos. E que sabotagem era essa que provocava a argúcia dos falsos «sherlocks» das histórias em quadrinhos? Eram as greves dos trabalhadores do Porto de Nova York por melhores salários, apresentadas aos leitores como «sabotagem bolchevista». Os líderes grevistas eram mostrados no Suplemento Juvenil de «Última Hora» como traidores ou, quando não, transformados eram gangsters e kidnapers (raptadores de crianças). A vasta rede de editores de histórias em quadrinhos, da qual fazem parte entre outros o «King Features Syndicate» e a «Copyright Fawcett Publications» as duas principais empresas que exportam esse veneno lento para o Brasil, colocou assim à serviço da guerra e do fascismo essa ignominiosa arma de mistificação da juventude.

EDUCANDO PARA A GUERRA E O FACISMO

Por ocasião da traiçoeira agressão americana à Coreia, a revista «O Guri», de propriedade do nauseabundo Chateaubriand, publicou uma aventura completa do «Capitão América» sob o título de «Uma missão perigosa na Coreia» na qual se fazia clinicamente a propaganda da agressão e se apresentava o povo coreano como raça inferior. O enredo da ignobil historietta girava em torno do desembarque desse personagem blindado em território da Coreia, onde sem muita dificuldade conseguiu «aprisionar» o Estado Maior do Exército Popular Coreano, cujos oficiais e soldados eram apresentados como «cães amarelos», «escravos russos», etc., de físico diminuto em contraste com o porte agigantado e «superior» da soldadesca mercenária ianque. O «he-

O MAGNETISMO E SEUS PROBLEMAS

Desde os tempos mais recuados sabe-se que o ímã atrai o ferro e permite marcar os pontos cardiais. Os antigos, com tão fértil imaginação, atribuíam ao ímã o poder mágico de curar as doenças e de descobrir as jazidas de ouro.

Nesses tempos, o ímã era chamado o «ferro sábio» ou a «pedra real». O ímã era guardado num pano vermelho como se fosse um manto real afim de conservar seu poder mágico. Ainda agora, em nosso dias, os ímãs são pintados de vermelho, mas poucas pessoas sabem que isso é uma sobrevivência dos tempos mais recuados. Entretanto, bem longe de decifrar os mistérios do ímã, o homem chocou-se com novos enigmas.

Os primeiros estudos revelam que a agulha apontada não indica o polo geográfico da terra mas está voltada para o polo magnético. Além disso os navegadores constataram que em numerosos lugares a agulha da bússola se recusa a mostrar até mesmo o polo magnético, desviando-se dele obstinadamente.

Durante a viagem do navio soviético «George Sedov», os sábios soviéticos observaram toda uma série dessas anomalias. O professor B. Weinberg, estudando o fenômeno, chegou à conclusão que no hemisfério norte devia existir não apenas um, mas dois polos magnéticos. Mais tarde, esse segundo polo foi efetivamente descoberto e lhe deram o nome de Sedov.

O próprio Cristóvão Colombo, durante sua famosa travessia, constatou que sua bússola «ficava louca», observação que

quase fez o celebre navegador desistir da viagem. Estudando essas «tempestades magnéticas», nas quais a agulha roda loucamente sobre o quadrante e mostra sucessivamente todos os pontos cardiais, os sábios estabeleceram ligação entre esses fenômenos e as manchas solares e as auroras boreais. Descobriu-se que o sol é um ímã enorme e que suas manchas são o centro de raios elétricos particulares.

Mas, por que pode o sol ser um ímã se o ferro não existe nele e não ser sob a forma de gás? Ninguém podia explicá-lo.

Para descobrir os segredos do magnetismo terrestre, os sábios precisaram estudar o passado magnético da terra. Mas, como conhecer o campo magnético de épocas longínquas se a sua intensidade não foi jamais registrada? Como determinar a localização dos polos magnéticos da terra, em tempos em que a bússola não existia ainda?

Foi dada uma resposta a estas perguntas pela história magnética, a arqueologia e a geologia, nos volumes da ciência dos ímãs.

Antigamente, as cartas geográficas eram feitas não em referência aos meridianos geográficos mas em relação aos meridianos magnéticos. Comparando as cartas contemporâneas e os mapas do «Atlas da terra russa» do tempo de Boris Gudunov, B. Weinberg reconstituiu a carta magnética da Sibéria nos fins do século XVI.

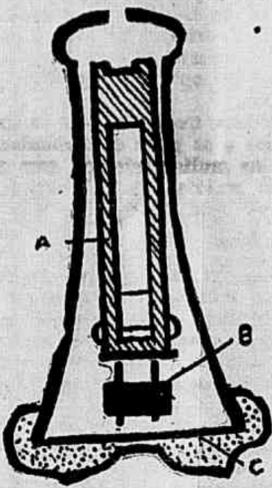
Hoje, os magnetólogos estudam as velhas igrejas e até as ruínas mais mal conservadas. Porque nas

igrejas, o altar estava voltado para o leste. E mesmo nos tempos antigos essa direção era determinada com o auxílio da bússola.

A intensidade do campo magnético nas épocas mais distantes foi relatada pelos vasos de terra cota e por simples tijolos. Foi descoberto que os objetos de terra cota se imantam depois do cozimento e que eles conservam intacta essa propriedade durante muitos séculos.

Os sábios soviéticos chegaram até a reconstituir a história magnética da terra da época anterior ao aparecimento do homem. Eles conseguiram demonstrar que a lava dos vulcões se imanta ao esfriar da mesma forma que os utensílios de terra cota. De agora em diante, os sábios estudando amostras de pedras nos laboratórios, podem ler a «crônica magnética das rochas» ao longo de vários milênios.

Se o ímã atrai o ferro, ele também repele



ESQUEMA DE UM RECEPTOR TELEFÔNICO: A — eletro-ímã (ímã permanente); B — bobina de recepção; C — diafragma receptor

K. ANDREIEV

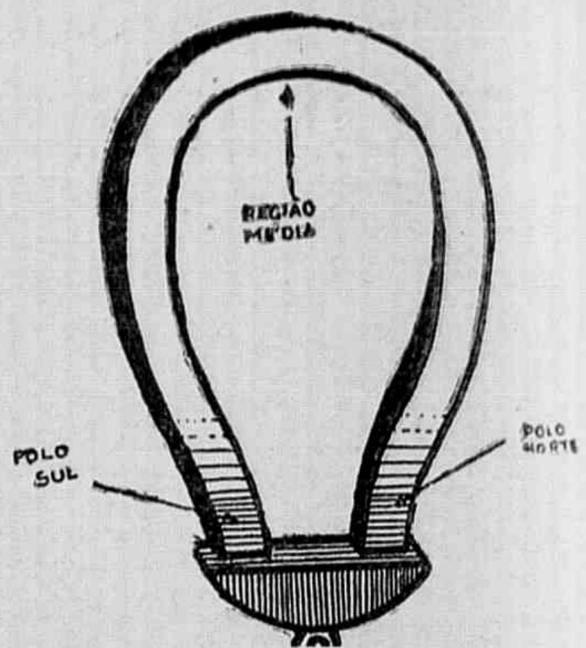
ainda que muito fracamente certos corpos tais como o carvão, o cobre, a cera, a estearina e o bismuto. Em temperaturas muito baixas essa força de repulsão torna-se colossal.

Uma notável experiência sobre a repulsão magnética foi feita por V. Arkadiev, membro correspondente da Academia de Ciências da URSS. Ele submeteu 1 pequeno pires de chumbo a uma temperatura de 269° abaixo de zero. Depois lançou sobre o pires um ímã de aço. Mas o ímã não caiu. Ele «saltou» antes de chegar ao fim da queda e ficou suspenso no ar sobre o pires.

O enigma do «ímã flutuante» foi fácil de decifrar. Nessa temperatura extremamente baixa, as correntes elétricas provocadas no chumbo pelo campo magnético são bastante poderosas para repelir o ímã e impedir que ele caia.

Mas os sábios não se satisfizeram com resolver os enigmas existentes. Eles obrigaram o ímã a trabalhar para o socialismo. O grande sábio russo A. Stoletov dizia que «o conhecimento das propriedades do ímã é tão importante para os construtores de máquinas elétricas como o conhecimento das propriedades do vapor para os construtores de máquinas a vapor».

Na sua obra intitulada «Pesquisa sobre a função de imantação do ferro doce», A. Stoletov lançou as bases científicas da eletrotécnica contemporânea. Os ímãs são utilizados não somente nas máquinas elétricas mas também nos aparelhos de telegrafia e de telefonia, nos alto-falantes e nas máquinas-fer-



ímã em forma de ferroanra

ramenta automáticas.

O ímã serve para extrair partículas metálicas que penetram nos olhos e para descobrir os estilhaços no corpo dos feridos.

Estudando uma anomalia magnética perto da cidade de Kursk o acadêmico A. Arcangelski descobriu a maior jazida de minério de ferro do mundo. Recentemente, o jovem inventor A. Logatchev construiu um magnetômetro tão sensível que ele permite descobrir as jazidas de metais do alto dum avião. As primeiras prospecções magnéticas aéreas foram feitas por Logatchev em 1936.

Os homens ultrapassaram a natureza. Com o alumínio, não magnético, e o níquel, fracamente magnético, o professor A. Zaimovski criou uma nova liga, o «Magniko», com uma potência magnética extraordinária.

Mas o mistério do magnetismo terrestre ainda não está resolvido. Há uns quarenta anos, P. Lebediev investigou se todos os corpos em movimento não criam um campo magnético em torno deles. Ele realizou um grande número de engenhosas experiências para verificar sua hipó-

tese, mas a morte interrompeu seus trabalhos.

A ciência não se limita, entretanto, ao estudo do magnetismo terrestre. Hoje, os sábios já mediram de maneira bastante precisa o campo magnético do sol e, com uma aproximação variável, o campo magnético de numerosas estrelas. Todos esses fatos confirmam a teoria de P. Lebediev.

Nossos aparelhos são ainda muito grosseiros para poderem investigar completamente o magnetismo terrestre. Mas parece que brevemente será possível lançar um foguete carregado de aparelhos científicos em direção à lua. As indicações do magnetômetro, transmitidas pelo rádio, permitirão determinar o campo magnético de nosso satélite e, por isso mesmo, confirmar definitivamente a teoria do grande físico russo.

Se a «pedra real» não têm o poder mágico que a lenda lhe atribuiu, ela tornou-se, nas mãos dos sábios, ao menos um instrumento verdadeiramente útil para a descoberta dos tesouros que a terra guarda, um instrumento que abre amplos horizontes.

CRÔNICA INTERNACIONAL

«JAMAIS abandonaremos Berlim».

Tal é mais recente explosão da história guerreira dos homens dos trunfos que conseguiram assenhorear-se do governo norte-americano pela fraude, pelo embuste e pelo engano de milhões de pessoas, coisas que fazem parte da própria natureza do putrefato regime capitalista.

Essa declaração que acaba de ser feita por James Connant, alto comissário norte-americano na Alemanha, deixa bem claro o objetivo de Eisenhower e Foster Dulles de agravar ao máximo a perigosa tensão internacional, que vem se tornando cada vez mais aguda nestas poucas semanas do novo governo militarista que os trunfos de Wall Street resolveram incumbir de guarda de seus interesses criminosos.

Tais e tão cínicas palavras pretendem ser um desafio à União Soviética, visam levar a «guerra fria» ao ponto de fervura, objetivam o desencadeamento da guerra. Mas os planos dos imperialistas ianques atacam em cheio e diretamente, antes de mais nada, as mais justas e legítimas aspirações do povo alemão. Não é de admirar, portanto, que os atos agressivos e hostis contra a União Soviética despertem e intensifiquem a resistência do povo alemão, dos povos da Europa Ocidental ameaçados por nova hecatombe e que verificam pela sua própria experiência que o anti-comunismo, o anti-sovietismo atentam contra sua soberania e seus anseios de paz.

Com efeito, a declaração ianque impor-

FANFARRONADAS IANQUES EM BERLIM

ta na confissão do plano de ocupação permanente do solo alemão e de sua própria capital, plano de manter a divisão da Alemanha, de transformar a Alemanha em campo de batalha e teatro de novas e terríveis devastações.

O anunciado objetivo dos imperialistas do dólar de eternizar a ocupação do território alemão é proclamado no mesmo momento em que Eisenhower se prepara para denunciar os tratados de Ialta e Potsdam. Ora, é em virtude desses tratados que os anglo-franco-americanos estão em Berlim. Foi honrando a palavra solenemente empenhada que a vitoriosa União Soviética, libertadora de Berlim da peste nazista, permitiu que a capital do inimigo comum fosse ocupada simultaneamente pelas quatro potências. Mas Berlim é parte integrante da zona soviética de ocupação. A denúncia dos tratados de Ialta e Potsdam significa que os americanos devem retirar-se automaticamente de Berlim. Denunciar os tratados de após-guerra, segundo os quais são reguladas as relações das potências ocupantes, e ao mesmo tempo permanecer em Berlim é colocar o mundo diante de um fato consumado, é revelar cinicamente a intenção de ocupar a vaga deixada por

Hitler e de prosseguir na guerra que o bandido de Berchtesgaden perdeu para os invencíveis exércitos libertadores da pátria do grande Stálin.

A ocupação permanente do território alemão pelos sucessores de Hitler está entrosada com os planos de fazer a guerra com os soldados de outros povos, idéia tão cara aos sanguiscedentos belicistas do Pentágono e da Casa Branca. Eis que os povos respondem mais uma vez com um «não» categórico a essa exigência estúpida e criminosa dos bandidos do dólar. A exemplo dos seus irmãos belgas, os jovens conscritos dinamarqueses decretaram a greve geral em todos os quartéis. Eles se ergueram contra a extensão do tempo de serviço militar de um ano para 18 meses, medida imposta pelos patrões ianques aos vendedores do sangue da juventude dinamarquesa.

Durante dois dias foi abolida a disciplina militar de Wall Street nos quartéis do pequenino país. Centenas de jovens operários e estudantes presos foram libertados sob pressão das massas. Os imperialistas fingem ter recuperado a calma, anunciando ao mundo que a greve terminou, que foi restabelecida a disciplina nos quartéis. Mas a realidade que não pode ser mais escondida é que se repetem na Europa Ocidental as greves de soldados. A juventude nega-se abertamente a servir de carne de canhão. Os planos agressivos dos imperialistas ianques e seus comparsas são seriamente golpeados por esta luta heróica pela paz. Diante das baionetas, das metralhadoras e dos canhões pode haver uma interrupção da greve dos soldados. Isto é um episódio da luta. Mas o fato permanente e que será loucura não tomar em conta é o estado de espírito dos jovens soldados, é sua firme disposição de não se deixarem levar à morte e à deshonra para servir os interesses dos magnatas americanos. Isto acontece, agora, quando os senhores ianques da guerra ainda não puderam transformar a guerra fria em guerra quente na Europa. Mas é fácil compreender o que seria uma greve de soldados no caso dos generais do dólar cometerem a suprema loucura de iniciar a terceira guerra mundial. Greve de soldados em tempo de guerra significa que eles voltam seus fusis contra os generais americanos.

O que está ocorrendo nos países que tiveram a desgraça de cair sob a bota dos fascistas americanos bem mostra que a arrogância ianque em Berlim e em toda parte não passa de fanfarronada para impressionar as pessoas de nervos fracos. A luta dos povos pela paz há de obrigá-los a recuar, a se recolherem a seu covil onde terão de enfrentar seu próprio povo.

Os Sionistas - Bando De Assassinos e Espiões

Caíl Chade

Como o ladrão que grita «pega ladrão» para fugir ao clamor público, confundindo seus perseguidores, assim também os serviços de propaganda do imperialismo americano e dos seus agentes sionistas andam a bradar, com fingido desespero: há anti-semitismo na União Soviética! Socorro! Anti-semitismo nos países de Democracia Popular!

Mas nem por isso o ladrão deixa de ser ladrão, o crime deixa de ser crime. A confusão não dura muito. Ficam os fatos.

Os fatos — aí estão eles: participação dos agentes sionistas na conspiração contra o governo democrático popular da Tchecoslováquia e contra a vida dos seus líderes; participação dos agentes sionistas numa trama diabólica contra a vida dos mais queridos líderes do povo soviético e em atividades de espionagem e sabotagem contra a URSS. Mais fatos: os agentes sionistas atuam a soldo do imperialismo norte-americano. Isto significa que o sionismo está a serviço dos provocadores de guerra, contrariando assim os interesses de toda a humanidade progressista, inclusive os do povo judeu.

Sim, porque uma coisa precisa ser repetida, já que a calúnia e a confusão procuram identificar os termos «sionismo» e «judeu». O sionismo é uma organização da grande burguesia israelita, uma expressão do nacionalismo burguês israelita. Não pode ser identificado com o povo judeu, da mesma maneira que o integralismo não se identificou com o povo brasileiro, nem o nazismo com o povo alemão.

Organizado nas últimas décadas do século passado sob a bandeira demagógica da volta à Palestina, na realidade o sionismo visava objetivos muito mais amplos. A grande burguesia israelita procurava por esse meio, manter sob sua influência as camadas proletárias e intermediárias do povo judeu, impedindo que se unissem aos trabalhadores e ao povo de cada país para a luta comum por uma vida melhor e pela liberdade para todos. Dessa maneira, o sionismo foi um aliado poderoso dos pogromistas da velha Rússia dos tzares ou da Polónia dos «panis», na medida em que contribuiu para desviar da luta contra essas forças retrógradas as massas judaicas.

O sionismo surge, assim, sob o signo da traição aos verdadeiros interesses do povo judeu. Estes não se podiam limitar, na velha Rússia, por exemplo, à luta pela criação de um estado artificial ou pelos direitos da população israelita, tomada isoladamente. A história demonstrou que os verdadeiros interesses do povo judeu estavam na luta, ao lado dos trabalhadores e do povo russo, pelas reivindicações e direitos negados a todos, pela conquista da liberdade e do direito de autodeterminação para todas as nacionalidades oprimidas, pela destruição do tzarismo. E por mais que se tivessem esforçado os judeus ricos, os sionistas que serviram ao tzar e a Kerenski, as grandes massas do povo judeu participaram das gloriosas jornadas de 1917 e depois da revolução, tanto em suas antigas cidades — os que entendiam de aí permanecer — quanto no território autônomo do Ebrodjan — os que preferiram para lá se transferir — contribuíram para a edificação do socialismo e marcham agora, ao lado dos russos e dos ucranianos, dos turcos e dos búlgaros, na mesma senda radiosa do comunismo.

A primeira guerra mundial fez com que, mais uma vez, o sionismo aparecesse com sua verdadeira feição. Seus líderes mandaram os judeus de cada país matar os judeus dos países «inimigos», enquanto eles próprios embolsavam lucros fantásticos no negócio sujo da guerra, ao lado dos capitalistas de cada país.

Depois de 1920, o sionismo passa a fazer abertamente o jogo do imperialismo britânico no oriente médio. Milhares de judeus são encaminhados para a Palestina, não para criar o «lar nacional judeu» — como afirmavam mentirosoamente — e sim para agravar os desentendimentos entre os povos dessa zona, desentendimentos sobre os quais repousava a dominação inglesa.

Com o término da segunda guerra mundial, o sionismo passa para a órbita do imperialismo norte-americano. A conferência de Ben Gurion e Sharett — atualmente primeiro ministro e ministro das relações exteriores de Israel — com Truman, Acheson e Morgenthau — este, antigo secretário do tesouro e estreitamente ligado aos sionistas americanos — que veio a público no processo de Praga, constituiu um ponto decisivo do caminho pelo qual enveredaram os sionistas. Como se sabe, eles concordaram então com a instalação de bases militares americanas em Israel, bem como a utilização do serviço diplomático do novo estado e das agências sionistas em todo o mundo pelos serviços de espionagem dos Estados Unidos. A participação sionista na conspiração contra o Estado tchecoslovaco e na trama contra a vida dos dirigentes soviéticos são algumas das consequências diretas deste «negócio».

Trata-se, na realidade, de crimes monstruosos, que a mente humana tem dificuldade em admitir. Mas acaso a história do capitalismo não é uma história de crimes os mais monstruosos, que estão sendo perpetrados sob os nossos olhos? Que pode haver de mais criminoso do que o sacrifício de milhões de seres humanos em guerras de agressão para satisfazer os interesses de meia dúzia de magnatas. E acaso os atentados pessoais não constituem um meio «normal» de ação do capitalismo contra os líderes da classe operária? Quem armou a mão do assassino de Jaurés? Quem armou o braço que atentou contra a vida de Lênin? Quem financiou os bandidos que ainda recentemente tentaram matar Togliatti, Duclos e Tokuda e chacinaram Julien Lahant? E que seria de esperar desses monstros que atiram germes de peste na Coreia e na China, que incendiam aldeias com gasolina gelatinosa?

O fato de ser o sionismo o braço executor de ordens dos círculos dirigentes do imperialismo americano faz com que surja como um sicário repulsivo, capaz de todos os crimes.

tremenda campanha de calúnias e injúrias contra a União Soviética e as Democracias Populares. Repetem de maneira servil os desmoralizados slogans de Goebels e adaptam para seu uso o estribilho hitlerista: «quem não for sionista, quem não for partidário do atual governo de Israel, é comunista». Em declarações públicas através da imprensa a serviço dos americanos, elementos que se dizem representantes de uma Federação das Sociedades Israelitas do Rio de Janeiro e de uma Confederação Nacional insultam os países onde toda discriminação racial foi condenada pelas leis e abolida de fato.

Mas, quem são e o que fazem esses elementos? São os mesmos que contribuíram financeiramente para o integralismo e que jamais abriram a boca para protestar contra as medidas de discriminação racial tomadas pelo governo de Getúlio ao tempo do Estado Novo. São os mesmos que por longo tempo protegeram o traidor e fascista Zukowsky, quando este se refugiou no Brasil; embora oficialmente informados de que esse veredugo de judeus e não-judeus nos campos de concentração hitleristas se encontrava aqui, negaram-se a denunciá-lo de público. São os mesmos que sabotaram a manifestação unânime da população israelita no Brasil contra as negociações infames de Ben Gurion com Adenauer para o «pagamento», por alguns dólares, do sangue de milhares de judeus derramado pelo nazismo. Na realidade, tais elementos não fazem senão defender seus interesses egoístas de capitalistas, garantir seus negócios com os trustes americanos e seus grandes lucros. Agindo assim, eles se desmascaram como partidários de crimes nefandos, como aliados de bandidos, como vis servidores dos inimigos comuns dos povos brasileiro e judeu — os imperialistas norte-americanos.

Entretanto, a grande maioria dos israelitas, aqui, como em todo o mundo, condena os crimes monstruosos dos agentes sionistas. O povo judeu, que sabe o quanto de sacrifícios significaria para ele uma nova guerra, aspira a luta pela paz. A grande massa do povo judeu não quer ver o estado de Israel transformado em base de uma guerra de agressão e por isso luta para libertá-lo das garras dos sionistas e dos americanos, para transformá-lo num estado realmente independente, em que as populações israelitas e árabe gozem dos mesmos direitos.

A grande maioria dos judeus, que sofre com os salários baixos, com os altos impostos e os juros escorchantes, com as restrições ao comércio e as muitas injustas, com a discriminação e as perseguições raciais, luta ao lado de todo o povo por uma vida melhor e pela liberdade.

—000—

Os patriotas e partidários da paz do Brasil condenam veementemente os crimes dos sionistas e dos seus mandantes. Eles sabem que esses elementos estão a serviço dos que almejam atirar o mundo a uma nova guerra, dos opressores de nosso país, dos mesmos bandidos que conspiram contra a vida da mocidade brasileira e desejam atirá-la à fogueira da Coreia.

As calúnias e as infâmias do imperialismo e dos seus agentes não conseguirão turvar as águas. Ao contrário, elas permitem que os campos se definam melhor, que seus limites se tornem mais claros para um número cada vez maior de pessoas em todos os países: de um lado estão os partidários de crimes monstruosos e divulgadores de mentiras infames, de outro os que trabalham por uma vida mais feliz, os que falam apoiados em fatos; de um lado estão os que pregam e preparam uma criminoso guerra de agressão e que lutam por liquidar a soberania de todas as nações de outro os que lutam pela paz e pela independência nacional; de um lado os Eisenhower, os Getúlios, os Ben Gurion e os Adenauer, do outro as grandes massas dos povos de todo o mundo — russos e americanos, brasileiros e judeus, chineses e tchecos, franceses e alemães. Por isso os crimes e as mentiras dos Eisenhower e dos seus agentes terão a mesma sorte que os crimes e as mentiras de Hitler e seus sequazes.



Ben Gurion, primeiro ministro de Israel, velho serviço dos imperialistas ingleses e americanos

Unidos, os Trabalhadores São Invencíveis

CARTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA GREVE DE SOLIDARIEDADE DA FABRICA BOMFIM

Vou contar o que foi a greve de braços cruzados que realizamos na tecelagem Bomfim em sinal de protesto contra a tentativa de demissão de oito companheiros por parte da direção do estabelecimento.

Eles foram um baluarte na recente greve dos 30 mil textéis cariocas e concorreram para a sólida unidade dos trabalhadores da fábrica Bomfim, aqui na Ponta do Cajú. Os patrões querem, por isso, se descartar deles, procuram um meio para lançá-los à rua. Quantas vezes, o gringo Thomas Halliday, gerente da fábrica e sócio dos Rocha Faria e Seabra tentou demitir Djalma, o querido tecelão que ali trabalha há cerca de 16 anos? E Djalma foi também um grande combatente durante os 52 dias de greve. E Waldice que no Sindicato trabalhando ou nas ruas em busca de solidariedade era incansável? Djalma, Benedita, Waldice, Jason, Barbosa, Nelson e outros têm-se comportado como filhos da classe operária e são queridos e estimados pelos companheiros. O PRETEXTO DO PATRÃO: «INDISCIPLINA»

A 3 do corrente, quase na hora da saída, o gringo Halliday mandou chamar os companheiros visados e apresentou-lhes umas papeletas que deveriam ser assinadas por eles. Era a demissão de uns e a suspensão de outros, por «indisciplina». Mas, que indisciplina houve? Simplesmente porque eles a outros, toda a seção, criticaram uma tecelã apelidada de «ballarina» que «furara» a greve. Tão estúpido foi o pretexto patronal que até um tecelão ausente por haver-se encaminhado ao Cartório para registrar uma filha recém-nascida, estava na lista dos suspensos.

Então, diante da falta de fundamentos nos argumentos do gerente, os companheiros se negaram a assinar e se retiraram, indo ao encontro dos demais operários que se dirigiam aos portões de saída, logo após a jornada de trabalho. A indignação foi geral. Cientificados do caso, todos os trabalhadores maldiziam os patrões e se comprometeram a tomar uma atitude contra tais exploradores.

BRAÇOS CRUZADOS No dia seguinte, logo de manhã, o odio dos 120 tecelões contra a direção da empresa assumiu um grau elevado. A seção toda aguardava a palavra de ordem para agir. Um olhava para o outro e ouvia-se um murmúrio geral até que um companheiro se destacou dos demais e começou a percorrer máquina por máquina: — «Das oito em diante ninguém trabalha».

O patrão — um dos mais rancorosos inimigos da última greve — pretendia executar um plano diabólico. Visava destruir a unidade e a organização dos trabalhadores da Bomfim, com a demissão de muitos. As afirmações feitas anteriormente de que não haveria perseguições, eram promessas de Getúlio, isto é, para não serem cumpridas. Se não fossem tomadas medidas energéticas e imediatas para fazer cessar as arbitrariedades a coisa se tornaria pior ainda.

E, oito horas, a seção parou. Ninguém mais tocou os

tearões. O rebolico foi geral obrigando o inglês a descer até a tecelagem para ver se conseguia por 48 operários de novo a trabalhar. Não lhe foi possível, porém, tendo em vista a decisão unânime da seção de não fazer funcionar as máquinas enquanto não cessassem as medidas de arbitrariedade. Veio a hora do almoço. Todos saíram mas ao regressar continuaram na seção, de braços cruzados.

O «TUBARÃO» BRUSCA ENTENDIMENTOS

Cerca das 14 horas, continuava a paralização, causando alarme à diretoria da Cia. América Fabril. Esta enviou rapidamente para a Bomfim um dos seus mais categorizados diretores — o capitalista Carlos Alberto da Rocha Faria. Rocha Faria que é um grande tubarão, ganha rios de dinheiro com a exploração de milhares de trabalhadores, leva a vida de nababo, pensa que os operários tivessem saído da greve cansados e desmoralizados. O patrão que começara a tomar medidas drásticas contra nós e que pensava levar a melhor, cedo verificou o seu engano. Estávamos com força suficiente e com o moral erguido para reagir contra qualquer tentativa de punição dos nossos líderes.

Uma comissão de tecelões destacou-se a fim de se entender com ele que prometteu cessar as arbitrariedades. Depois dos entendimentos foi recomeçado o trabalho e os operários da Bomfim demonstraram a sua combatividade e a sua unidade diante dos industriais que tentaram dividí-los e enfraquecê-los.

VITÓRIA DA UNIDADE E SOLIDARIEDADE

Hoje, cessaram as demissões, na seção. Um memorial com 120 assinaturas foi dirigido à Companhia exigindo o cumprimento da palavra por parte do Rocha Faria. Novas paralisações se farão, caso sejam necessárias.

Somos fortes porque somos unidos. A solidariedade entre nós é grande, solidariedade essa conseguida em quase dois meses de luta, ao lado dos 30 mil textéis cariocas, e que nos garantiu o êxito da paralização que realizamos na Bomfim.

A solidariedade é um grande fator de vitória. Os trabalhadores unidos são invencíveis. Eis por que vamos apoiar o Congresso dos trabalhadores da América Latina, que se realizará no Chile de 22 a 24 de março próximo. A CTAL é a organização que uniu todos os trabalhadores da América Latina e, portanto, nossa também. Nela poderemos levantar nossas reivindicações, porque a luta dos brasileiros é a mesma travada pelos trabalhadores dos outros países contra os capitalistas exploradores. Vamos apoiar o Congresso para fortalecer nossas lutas, aqui também em nossa empresa.

Para isso precisamos fortalecer o nosso Sindicato e ter um vigoroso Conselho de empresa a fim de que jamais os patrões nos apanhem desprevenidos.

Voltamos ao trabalho com a vitória e por isso achei por bem contar essa história de luta que há de servir de exemplo para os companheiros de outras fábricas de todo o Brasil, quando depararem com a intranquência e a opressão patronal. — M. S. C.

Aqui, como em todo o mundo, os líderes sionistas, suas organizações, seus jornais reagiram como cães raivosos ao serem desmascarados seus comparsas, atirando-se a uma

O Quartel General Dos Saqueadores de Povos

Um século de guerras de rapina do agressivo expansionismo norte-americano

UMA LENDA TUPI

"O antigo imperialismo não cabe em nossos planos", têm dito e repetido os governantes dos Estados Unidos. Isto lembra aquela história da onça, do folclore tupi, que vem com a caça adiante.

A onça queria comer a raposa e, então, resolveu fingir-se de morta. Todos os bichos entraram na sua cova e diziam alegremente: — "A onça já morreu! Já podemos passear!"

Mas a raposa chegou e perguntou, do lado de fora:

— Ela já arrotou?

Os bichos responderam:

— Não.

A raposa disse:

— Pois o defunto meu avô, quando morreu, arrotou três vezes.

A onça ouviu e arrotou três vezes.

A raposa então falou:

— Quem é que já viu alguém arrotar depois de morto?

E até hoje a onça não se pôde pegar.

Com frases como aquela procuram fazer-nos acreditar que o imperialismo está morto. Mas, como os atrotos da onça, os fatos mostram que ele está bem vivo. Vivo e seguindo um programa exposto há 133 anos pelo secretário Henry Clay:

"Podemos criar um sistema do qual seremos o centro, e no qual toda a América do Sul atuará conosco. Com respeito ao comércio seremos os mais beneficiados; este país se converterá no depósito do comércio do mundo..."

Assim, pois, desde os seus primeiros passos, o capitalismo norte-americano já possuía um programa ambicioso, de caráter continental e mundial.

A FORMAÇÃO TERRITORIAL

Aquela norma política traçada em 1820 coincide com o fim da primeira fase da formação territorial dos Estados Unidos: a fase em que, proclamando sua independência e lutando para fortalecer a sua economia, os americanos tiveram de enfrentar as velhas potências coloniais: a Inglaterra, a França e a Espanha.

Ao sacudir o jugo britânico em 1776, os Estados Unidos se limitavam a um estreito território, nas bordas do Atlântico, com a superfície aproximada de 600.000 quilômetros quadrados. Mas a vitória sobre os ingleses levou-os às margens do rio Mississippi alargando de muito aquela área que cresceu, ainda mais, com a compra da Louisiana à França (1803) e a aquisição da Flórida à Espanha (1819).

A segunda fase do crescimento territorial dos Estados Unidos já é assinalada, porém, por típicas guerras de conquista. A principal vítima dessa sede expansionis-

Reportagem de ERNESTO LUIZ MAIA

ta foi o México. Por meio de uma guerra de rapina (1847), durante a qual foi ocupada a própria capital mexicana, os americanos do norte roubaram de seu vizinho do sul alguns de seus mais ricos territórios, como o Texas, o Novo-México, o Arizona, a Califórnia e o Utah. A compra do Oregon (1846) cedido pela Inglaterra e a do Alasca (1867) adquirido à Rússia tsarista completaram a expansão territorial dessa segunda fase.

O FORTALECIMENTO ECONÔMICO

Durante esses anos as forças produtivas alcançaram um alto nível e a técnica moderna impôs na produção. Entretanto, nos Estados do Sul ainda predominavam as formas escravistas de exploração, que entravam o desenvolvimento das forças produtivas e obrigavam os Estados Unidos a marcharem à retaguarda dos povos mais adiantados.

Então, com a mesma energia com que se tinha lança-

do a luta pela independência, o povo americano travou a guerra contra os restos feudais e regime escravista, criando as condições necessárias a um maior desenvolvimento do capitalismo. Com a vitória dos elementos progressistas (1865), os Estados Unidos puderam elevar sua economia num ritmo que por muito tempo não foi igualado por qualquer outro país capitalista.

Ao mesmo tempo, a riqueza se ia concentrando nas mãos de uns poucos milionários e multi-milionários, a tal ponto que, em meados de nosso século a metade da produção era fornecida por um centésimo das empresas existentes no país.

A ÁGUIA CARNICEIRA

Desde os fins do século passado, portanto, os Estados Unidos estavam maduros para empenhar-se na luta inter-imperialista, que se desencadeava ferozmente entre as grandes potências. A última década do século XIX assinala, realmente, a irrupção norte-americana na arena mundial, entre os grandes saqueadores de povos. A águia carniceira que figura no escudo da República do dólar cravou suas garras afiadas em todos os povos indefesos.

O pretexto invocado para o início da expansão imperialista foi a chamada «Doutrina de Monroe», proclamada pelo presidente James Monroe, em 1823, segundo a qual os EE. UU. se oporiam à política de reconquista européia nos países recém-constituídos da América, garantindo em compensação, a não interferência lanque nos assuntos europeus. Como se sabe, desde que tiveram força para isso, os Estados Unidos interferiram e continuam a interferir nos assuntos europeus. Por outro lado, a «Doutrina de Monroe» serviu, desde o momento, para indicar que os governantes de Washington consideravam toda a América como zona reservada à sua exclusiva influência. Ela formula para o mundo o que Henry Clay já formulara para o Congresso. Quando, em 1895, o presidente Cleveland, sob ameaça de guerra, exigiu a aceitação da arbitragem americana no conflito anglo-venezuelano, os ingleses, forçados a engolir a pilula, souberam, todavia, tirar as conclusões devidas. O «Times» escreveu: «O acórdão admite o princípio de que, nos litígios com as repúblicas da América do Sul, os Estados Unidos podem, não somente intervir, mas até mesmo substituírem-se à parte original e assumir a direção dos negócios».

Logo em seguida os americanos demonstraram a direção dos negócios, visando sobretudo a China. E logo em seguida os americanos demonstraram a direção dos negócios, visando sobretudo a China. E logo em seguida os americanos demonstraram a direção dos negócios, visando sobretudo a China.

que se resumia «essa direção dos negócios», a «proteção» aos países latino-americanos, tão bem desmascarada no velho livro de Eduardo Prado, «A Ilusão Americana».

Voitou-se para Cuba a ganância dos senhores do dólar. Essa ilha mantinha uma insurreição patriótica contra a opressão espanhola, visando sacudir o jugo estrangeiro. Mas os americanos cobravam-na de há muito, como a maior fonte mundial de produção açucareira e ponto estratégico inestimável no mar das Caraíbas. A explosão do cano de «Maine», em 1898, forneceu o motivo para a intervenção. O governo de Washington alegou que o navio fora torpedeado pelos espanhóis e exigiu a evacuação da ilha. Na realidade, o barco fora a pique devido a uma explosão interna. Isso foi alegado desde a época e provado, de uma vez por todas, em 1911, quando se pôs o navio a flutuar. Mas, de qualquer maneira, a explosão servia à mil maravilhas ao desencadeamento da guerra.

Está claro que a opressão espanhola em Cuba encontrava o repêido de todos os povos do mundo. Mas os americanos não vinham socorrer Cuba. Vinham forçá-la a suportar uma opressão mais odiosa, ainda. Esmagando as esquadras espanholas, diante de Santiago de Cuba e de Manilha, os lanques tomaram aos colonialistas de Madrid e ilha de Porto Rico, nas Antilhas, a ilha de Guam, na Oceania, e as Filipinas. Cuba foi reduzida à situação de protetorado, sendo incluído em sua constituição o direito de os americanos interverem militarmente no país, quando isso fosse julgado necessário pelo embaixador dos Estados Unidos. Daí por diante, a luta pela liberdade nessas antigas colônias espanholas é a luta contra o imperialismo americano.

A vitória sobre a Espanha lança as bases de um novo império colonial, o império colonial norte-americano. E, tendo chegado tarde para a partilha colonial, tendo amadurecido para o imperialismo numa época em que o mundo já se encontrava dividido, está claro que as conquistas norte-americanas tiveram de se desenvolver ainda com maior violência e sordidez que a dos velhos lobos colonialistas, como a Inglaterra e a França.

A «POLÍTICA DE PORTAS ABERTAS» De Guam, das Filipinas, de Hawaii (conquistada no mesmo ano) e de Samoa (onde se firmam em 1899), os americanos somaram com o domínio do Oriente. Visam sobretudo a China. E logo em seguida os americanos demonstraram a direção dos negócios, visando sobretudo a China. E logo em seguida os americanos demonstraram a direção dos negócios, visando sobretudo a China.

para dommar toda a riquíssima região. Chamam, por isso, a política de portas abertas e põem ao governo chinês a política de portas abertas era o direito de entrar a China, de ocupar certos pontos do território, de impor produtos no mercado chinês. Era a política de abertura da China, realização de parceria com os ingleses, franceses, os japoneses, os alemães e o imperialismo tsarista. Para os americanos invadir a China, em 1900, na vigência das oito potências, se converteram, com o apoio do maior explorador do povo chinês.

(Canal Zone) onde construíram o famoso canal do Panamá, destinado a facilitar a concorrência às rotas de navegação controladas pelos ingleses.

O SÉCULO DA AMÉRICA

Imperialista Henry Luvidou os Estados Unidos fazerem desse século o século da América. Na realidade, muito antes dele, os interesses de negócio e de Estado americanos que, afinal de contas, são as mesmas forças, gostam de dizer que o século é o século americano. Sim, no sentido impreciso, esta tem sido realmente o século da América. Os últimos cinquenta anos transcorridos, a política imperialista dos Estados Unidos manifestou-se em todos os seus variados aspectos.

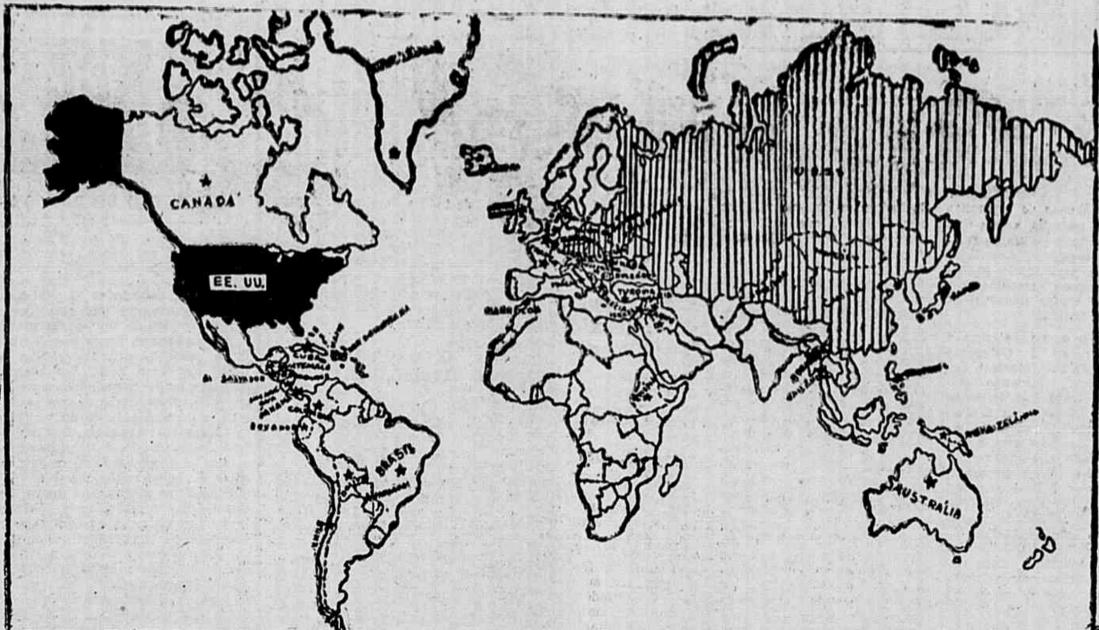
NA LIDERANÇA DO IMPERIALISMO

Outro era, porém, o quadro após a primeira Grande Guerra. Então, os Estados Unidos apareceram como grande exportador de capitais, deslocaram a supremacia inglesa no comércio internacional e aproximaram-se da Grã-Bretanha quanto ao poder naval. A diferença entre o desenvolvimento industrial dos dois países aumentou mais ainda.

Desse modo, desde o fim da conflagração de 1914-1918, são os Estados Unidos o principal centro imperialista do mundo.



DOCUMENTO SOBRE A ORIGEM DA AGRESSÃO: John Foster Dulles examina, no dia 16 de junho de 1950, e mapa do futuro campo de batalha coreano. Depois, o atual secretário de Estado norte-americano transmitiu ao local de Sigmund Freud e ordena para o exército atacar a República Popular da Coreia.



As estrelas assinalam as regiões em que estão localizadas as quinzentas e tantas bases americanas que se destinam ao ataque à U. R. S. S. e às democracias populares. Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Portugal, Noruega, Dinamarca, Islândia, Groenlândia, Itália, Espanha, Turquia, Afeganistão, Iugoslávia, Grécia, Japão, Formosa, Coreia e Brasil são os sedes das principais bases. Além disso, os lanques acantonaram as suas tropas em diversos outros pontos do mundo. Mas esta máquina de guerra só é poderosa na aparência. Falta-lhe o opêdo dos povos, os quais cabe dizer a última palavra. É difícil convencer alguém de que instalando-se a milhares de quilômetros da América, os soldados americanos estejam defendendo sua pátria da União Soviética, que não possui nenhuma base nas proximidades dos Estados Unidos.

UMA LOUCA AVENTURA

Daí por diante, é a louca aventura: fortalecidos na guerra, os Estados Unidos fazem da guerra seu meio de vida, buscando a miragem da hegemonia mundial que já perdeu a tantos conquistadores. Suas bases, mais de quinzentas, espalham-se por todos os continentes, e apontam para o coração da URSS, da China Popular e das novas democracias. Suas despesas militares que em 1949, 50 já eram duas vezes maiores do que as de antes da guerra, cresceram ainda mais em 1951 e 1952.

POLÍTICA DE DUAS CARAS

Entretanto, durante a segunda guerra mundial, os banqueiros lanques executaram uma política de duas caras. Nada mais diferente de suas palavras do que os seus próprios atos. Eles adiaram durante dois anos a abertura da segunda frente, no vão intento de extenuar o povo soviético e preparar uma paz ditada a todos os povos. Milhões de seres humanos pagaram com a vida esse adiamento criminoso. Enquanto isso, em fins de 1944, para socorrer os anglo-americanos comprometidos na ofensiva alemã das Ardenas, o governo soviético precipitou sua ofensiva na vasta linha de 1200 quilômetros e salvou-os do aniquilamento. Ai se contrapuseram, mais uma vez, a lealdade da U. R. S. S. e as manobras escusas das potências ocidentais.

Pelas costas do governo soviético, e traído a palavra empenhada, os americanos, assim como os ingleses e franceses, iniciaram conversações de paz com o governo nazista, por intermédio de Allan Dulles, irmão do conhecido fabricante de guerras, John Foster Dulles, conselheiro de Truman e secretário de Estado de Eisenhower.

E, ao findar a guerra, com o bárbaro lançamento de bombas atômicas sobre o Japão, os vorazes imperialistas lanques iniciaram a política de chantagem atômica, a política de intimidação dos povos débeis, «sem» o menor efeito sobre os povos de nervos fortes, como o povo chinês.

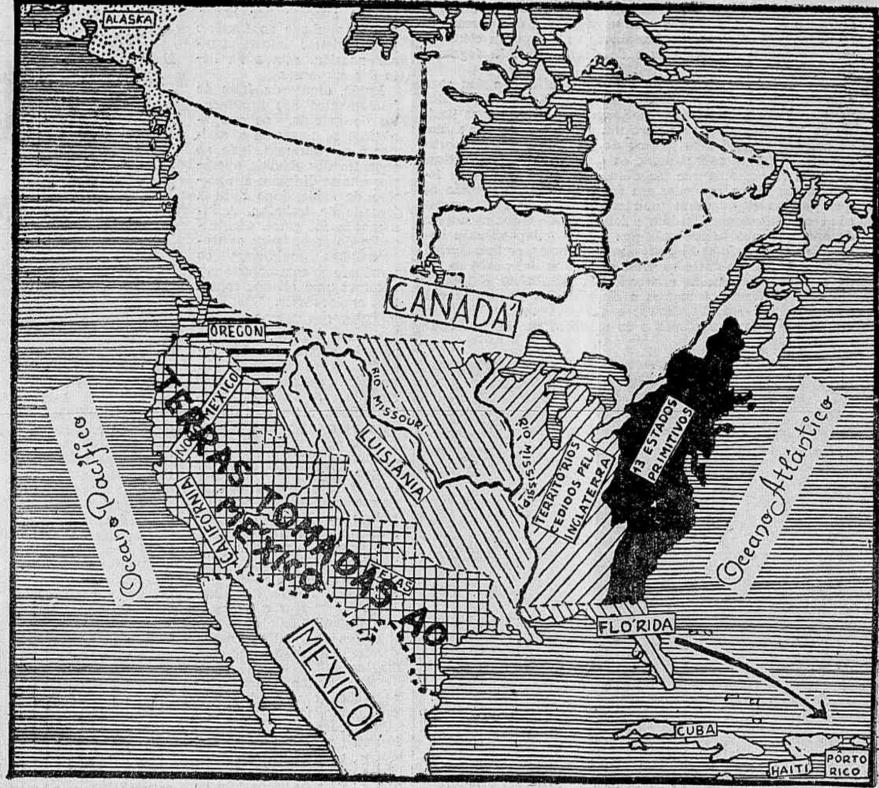
Entretanto, como terminou, finalmente, a política de «portas abertas» senão pela vergonhosa expulsão dos americanos da China continental e o estabelecimento da República Popular da China? Como terminou, finalmente, a intervenção contra a jovem República Soviética.

SENÃO PELA FORTALECIMENTO DO PODER SOVIÉTICO, PELA EXPULSÃO DAS TROPAS IMPERIALISTAS, PELA DERROTA DA POLÍTICA DE WILSON E SEUS PATRÕES? QUAL O RESULTADO QUE APRESENTA APÓS DOIS ANOS DE LUTA, A GUERRA DA COREIA? APRESENTA O PROLONGADO SACRIFÍCIO DAS TROPAS DO IMPERIALISMO, VENCIDAS PELOS PATRIOTAS COREANOS E OS VOLUNTÁRIOS CHINESES. QUAL O RESULTADO DE PROCURAR EXTENUAR O ESTADO SOVIÉTICO DURANTE A ÚLTIMA GUERRA, POUANDO OS ALEMÃES E RUSSO FORNECENDO ARMAS À URSS ATÉ DEPOIS DA VITÓRIA DE STALINGRADO? COMO SE SABE, TAMBÉM AÍ, TRANSASSARAM OS INTENTOS DOS IMPERIALISTAS E A UNIÃO SOVIÉTICA REVELOU-SE DEPOIS DA GUERRA MAIS FORTE DO QUE NUNCA.

Enquanto o bater das armas se faz ouvir no campo do imperialismo, a União Soviética executa as grandiosas construções do comunismo, auxilia os povos libertos a reconstruírem sua economia e realiza uma política de paz para com todas as nações. Por isso mesmo, cresce seu prestígio político, enquanto ferve o soldo nos pés dos invasores lanques onde quer que passem sua empáfia.

O império americano está em decomposição antes mesmo de ter sido criado. A época do imperialismo chegou ao fim e estamos no tempo em que todos os caminhos conduzem ao comunismo.

Pode a cam.rilha dominante, a serviço dos trustes estrangeiros e com o apoio dos grandes fazendeiros e da alta burguesia, tentar arriar a bandeira nacional para que flutue dominador o pavilhão estrangeiro. Nosso povo sabe que não está só; que tem a seu lado todos os povos do mundo, que nos quatro cantos da terra vibraram golpes decisivos nos piratas lanques. Ele ganha confiança em suas próprias forças e vai compreendendo que o «novo império» terá o mesmo fim ridículo dos «velhos impérios», se, com as forças mundiais que defendem o progresso, sobermos demonstrar tenacidade na luta pela paz, pela independência nacional, e pela democracia popular.



Partindo de uma estreita faixa de terras no litoral do Atlântico, os EE. UU., pelo saque e pela rapina, conseguiram apressar-se de um dos mais ricos territórios do mundo. Hoje, exibem-na o domínio mundial e, para isso, procuram desencadear na ve guerra mundial.

Aos Operários o Contrôlo dos Institutos

Os problemas de segurança no trabalho, a luta pela garantia do dia de amanhã, preocupam seriamente a grande proletariado paulista, as massas trabalhadoras do maior centro industrial da América Latina.

É isso o que atestou a realização do I Congresso Paulista de Previdência e Seguro Social, tornando evidente que esta luta interessa direta e intensamente à classe operária. A realização vitoriosa do Congresso e sua popularidade mostraram a oportunidade dessa importante iniciativa. Não é de admirar a amplitude que ele teve. Dezenas de sindicatos participaram; representantes do IAPI, da CAP da Santos-Jundiaí, deputados, além de muitas outras personalidades, trouxeram o seu apoio ao grandioso acontecimento.

Mais de mil pessoas participaram da imponente assembleia que se realizou em 5 do corrente no grande Teatro Colombo. Até 8 do corrente foram debatidas importantes teses nas sessões plenárias. As resoluções servirão para impulsionar a luta dos trabalhadores paulistas e de todo o Brasil por um futuro melhor.

QUE O GOVERNO E OS PATRÕES PAGUEM

A revolta e o descontentamento dos trabalhadores contra a situação dos Institutos de Previdência é unânime. O operário é, na verdade, o único contribuinte. O governo de Getúlio não paga o que deve e os patrões em sua maioria arrecadam as contribuições e não entregam aos Institutos. Eles fazem transações com esse dinheiro dos trabalhadores que lhes rendem pequenos lucros. Além disso, os Institutos e Caixas não estão nas mãos dos seus legítimos donos, os operários. Daí todo o dinheiro ser desviado para os financiamentos para os ricos, para aquisição a preços altos de prédios, a toda espécie de negociações, a assistência médica é insuficiente, obrigando os tra-

balhadores a terem médicos nos sindicatos quando deveriam contar com Institutos.

Após muitas discussões em sessões plenárias ficou aprovada uma importante resolução de reduzir para 5% as contribuições dos empregados e a elevação para 7,5 e 10% respectivamente para os patrões e o governo. Muito embora o certo fosse que os trabalhadores não contribuíssem e sim os patrões e o governo, essa medida não deixa de constituir um passo adiante. Entretanto, no que os trabalhadores não transigiram foi na questão da dívida do governo que já orça em 10 bilhões de cruzeiros. O Congresso tomou a resolução de telegrafar a Getúlio exigindo o pagamento do seu débito para com os Institutos e Caixas. Não podia ser de outra forma. O governo emprega bilhões na compra de cruzadores, aviões à jato, emprega bilhões na compra material bélico de toda natureza. Se há dinheiro para a preparação de guerra então não é possível admitir que o governo deixe de pagar o que deve. Pagando não fará favor algum.

Daí também a importância da tese aprovada de substituição imediata das direções dos Institutos através da eleição dos presidentes e dos conselhos que deverão ser compostos de 2/3 de trabalhadores.

FULMINAR O ACORDO MILITAR

No momento em que os trabalhadores tratam de garantir o presente e também o seu futuro, não se lhes pode passar despercebido o perigo do Acordo Militar que os inimigos do povo tentam impor à nação. Os trabalhadores exigindo condições de trabalho e de garantia para a sua vida, como não se erguerão contra essa grave ameaça de guerra que representa a aprovação do Acordo Militar de Getúlio com os Estados Unidos?

Se os trabalhadores retomam o controle dos Institutos de Previdência para que o seu dinheiro não seja desviado para outros fins, para

que a assistência à sua saúde e à sua vida seja uma realidade, como poderão aceitar um Acordo dessa natureza que os ameaça de regime de militarização sob leis estrangeiras?

Como uma legítima assembleia, o Congresso Paulista tomou uma posição enérgica contra o Acordo Militar aprovando importante moção de protesto e repulsa que foi enviada à Câmara Federal com votos para que o Acordo de guerra fosse ali rejeitado. A classe operária defendendo os seus interesses, defende com eles os de toda a nação contra a esse acordo de colonização e de guerra.

SOLIDARIEDADE AOS TRABALHADORES

Nesses dias de intensos debates, muitas questões foram discutidas. Não podia porém passar em brancas nuvens uma questão, importantíssima: há trabalhadores perseguidos e processados em vários países. Franco, o terrível carrasco espanhol, quer assassinar Gregório Lopes Raimundo e J. Rebentos, líderes da gloriosa greve de Barcelona. O Congresso aprovou moção de solidariedade a eles e protestos junto à embaixada e o consulado espanhol em S. Paulo.

Dois jornalistas brasileiros devotados à causa da classe operária — Pedro Mota Lima, conselheiro ABI, processado pela antiga lei de segurança e Francisco de Paula Campos de Oliveira, condenado pela Justiça Militar de S. Paulo — foram alvo da solidariedade do Congresso que formulou o pedido de anistia para eles. E os deputados Hildebrando Pisaglia, Eusébio Rocha e Nelson Omega, participantes do Congresso, se comprometeram a apresentar projetos pela anistia dos dois jornalistas. Por sua atitude foram aplaudidos pela assembleia.

Mas, quando se fala em solidariedade, fala-se também na solidariedade proletária internacional, na solidariedade também dos trabalhadores

de todo o Continente. A grande assembleia aprovou uma moção de aplausos e de solidariedade ao IV Congresso Geral da Confederação dos Trabalhadores da América Latina que se realizará no Chile, de 22 a 29 de março, e à CTAL.

O CONGRESSO CONSTITUIU UMA VITÓRIA

O Congresso Paulista de Previdência levantou uma série de questões que vieram pôr a nu a demagogia de Getúlio. Os trabalhadores brasileiros vivem desamparados, ganhando pouco, sem proteção no trabalho, sem aposentadorias e pensões dignas que lhes bastem para seu tratamento e o de suas famílias. E, enquanto isso, o governo, em vez de saldar sua fabulosa dívida empreende grandes despesas militares para servir aos interesses dos americanos que vigam arrastar a guerra da Coreia e que pretendem dominar o mundo escravizando mais ainda os trabalhadores.

O Congresso constituiu uma vitória não só pelas importantes resoluções que tomou como também pela grande participação de trabalhadores e pela repercussão que teve. Ele elegeu um observador para assistir à realização da Conferência Internacional de Previdência e Seguro Social que se realizará em princípios de março em Viena.

O Congresso Paulista de Previdência nos dá uma visão do que serão os demais congressos estaduais e o próximo Congresso Nacional de Previdência Social a realizar-se no Distrito Federal. Só a delegação paulista eleita é composta de cerca de 40 trabalhadores de diversos ramos profissionais — têxteis, metalúrgicos, ferroviários, etc. Eles têm a incumbência de defender inúmeras e importantes teses que servirão para ajudar aos demais trabalhadores do Brasil em sua luta por uma verdadeira previdência social.

7 DIAS NO BRASIL

SEQUESTRO DO BANCO DO BRASIL EM NOVA YORK

ESTOUROU em pleno carnaval o novo escândalo do Banco do Brasil. Desta vez não se trata propriamente das negociatas vergonhosas dos nativos. É um escândalo internacional, uma demonstração aos olhos do mundo inteiro de que quem manda são os americanos. A justiça ianque, tratando o Brasil como um colosso relapso, decretou o sequestro dos depósitos do Banco do Brasil em Nova York. Em consequência 18 milhões de dólares estão congelados, como se fossemos um país ocupado. Esse dinheiro que pertence ao povo brasileiro está sob controle direto da justiça americana para pagar os atrasados comerciais. O governo de Getúlio alega que esse depósito não é do Banco mas do Tesouro, manha à qual os gringos não dão a mínima importância. O que serve é ver porque o Brasil deve, o que é que comprou e deixa de pagar, quem é que está manobrando tudo isso, quem é que é prejudicado. O Brasil deve porque submete seu comércio internacional ao monopólio americano. Como único comprador, o imperialismo ianque paga o que bem entende, os preços mais baixos, pelos produtos brasileiros. Como único fornecedor, o imperialismo ianque cobra preços cada vez mais altos pelo que nos vende. Daí o «deficite» que só pode aumentar enquanto perdurar a presente situação. Os americanos vendem o que querem e não o que precisamos: vendem armamentos, bugigangas, cadilacs, bebidas, coisas para os ricos. Esse comércio unilateral faz a fortuna da grande burguesia e dos traficantes de guerra, empobrece o povo, aumenta a miséria e a exploração de milhões de brasileiros. Por isso, o governo dos grandes capitalistas e latifundiários, depois de receber uma bofetada como essa, oferece a outra face.

O QUE ELES QUEREM: TROPAS PARA A COREIA

O agente do «Intelligence Service», Rafael Corrêa de Oliveira resolveu falar claro em nome de seus patrões. Eis o que escreveu sobre o acordo militar:

«Não é possível firmar um acordo militar sem compromisso de ir à guerra. Seria inoperante esse acordo. Assim o Brasil terá de enviar tropas para combater os russos onde os Estados Unidos julgarem conveniente. E' para esse fim que vamos receber armas, munições e técnicos. Nas condições atuais, tanto de ordem política, como geográfica, o acordo militar é lógico. Deve ser aprovado.»

Na hora em que mr. Johnson aperta o torniquete, esses senhores fantasiados de «oposição» tiram a máscara.

COMITES DE MÃES

OCUPA-SE do mesmo problema o vibrante apelo da Federação das Mulheres do Brasil. A respeito do acordo da traição diz o apelo: «É um acordo de guerra». É um acordo contra os nossos lares, principalmente contra os nossos filhos. Aprovado esse acordo, ficará o Brasil obrigado a entregar milhares de seus filhos para a guerra da Coreia ou para qualquer outra guerra em que se envolvam os Estados Unidos.

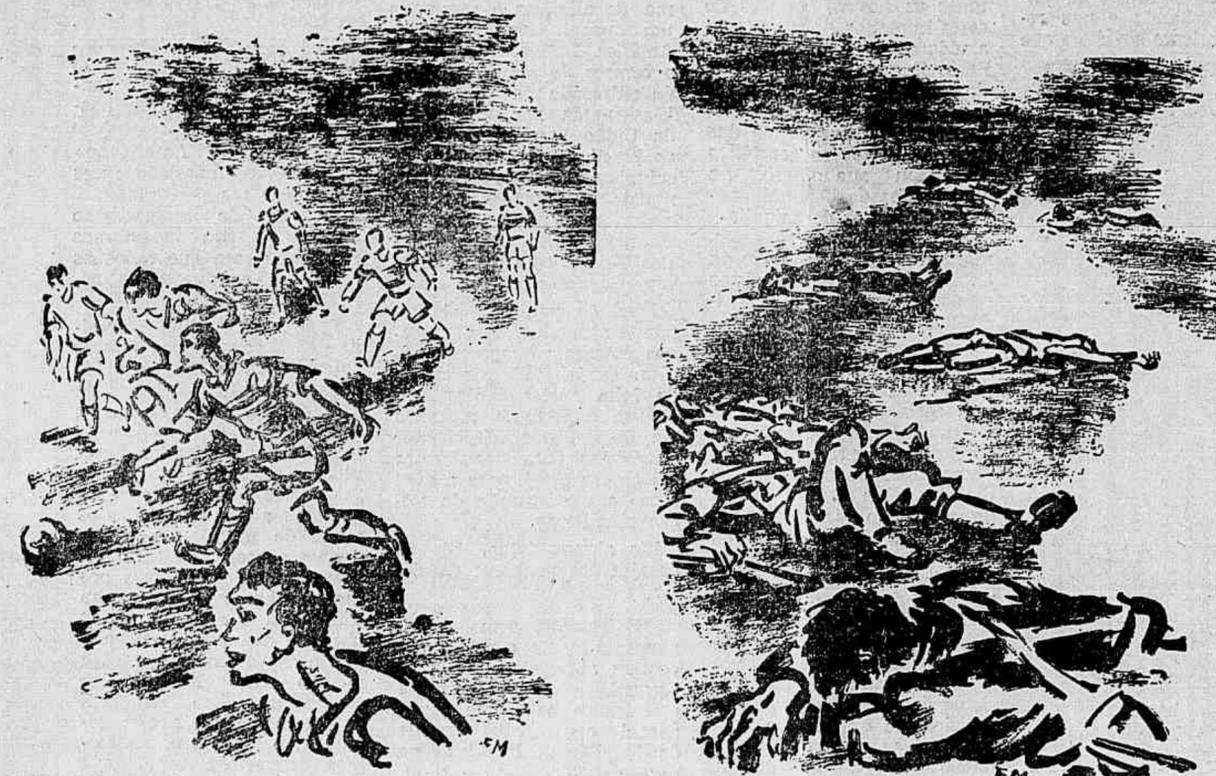
A caracterização do acordo, de suas finalidades, está portanto bem clara para todos. Os traidores do Brasil acham que «é lógico e deve ser aprovado». As mulheres brasileiras dão-se as mãos contra a ameaça terrível: «Façamos nossos Comitês de Mães para a defesa de nossos filhos façamos do amor intenso que dedicamos aos nossos filhos uma barreira que os traidores de nosso querido país não possam transpor».

RACIONAMENTO IMPLACAVEL

AUMENTA a vasão do Paraíba e os geradores da Usina dos Pombos trabalham a pleno rendimento. Melhora a situação, portanto. Cede a crise de energia elétrica. Mas, anunciam os gringos da Light e seus lacaios do governo, o racionamento continuará até agosto. Depois virá outro pretexto e o racionamento continuará até dezembro. E em 1954 será a mesma história. Chova ou não, haja seca ou haja cheia, o racionamento é implacável. Porque a causa da crise de energia é outra, é a Light. Enquanto a energia estiver nas mãos da Light haverá racionamento. A solução é clara: nacionalizar a empresa, botar os gringos para fóra. Não há outro caminho.

MENTIR OU LUTAR

EM FACE da tremenda e insustentável situação dos flagelados da seca no nordeste o sr. Severino Sombra demitiu-se de seus cargos. O sr. Sombra era do CAN (Comissão de Abastecimento do Nordeste). Ele se deu conta que continuar acenando com a ajuda do governo era mentir às populações torturadas até o desespero pela fome e pela sede. A outra alternativa era «instigar a rebelião», pois dizer a verdade significava que as massas famintas tinham todo o direito de tomar suas próprias providências. O sr. Sombra preferiu a «terceira posição», não mentiu mas também não disse a verdade. Saiu. Pouco interessa o conflito de consciência do sr. Sombra. Ele que descobriu se não dizer a verdade não é a mesma coisa que mentir. O fato é que os flagelados não podem «demitir-se». Para eles só há um caminho, pois «mentir» significa suicidar-se, matar os próprios filhos. Os flagelados vão à rebelião, vão à luta pela comida, por trabalho e terras frescas e irrigadas para os camponeses e não para os latifundiários.



Aqui estão dois magníficos desenhos da impressionante coleção em «preto e branco» do grande artista belga F. Maresseel. Ele divide seus quadros em duas partes — a paz e a guerra. Foi assim que ele viu, por exemplo, o ataque dum time de futebol antes de 1939. O contraste é dado por um grupo de jovens, massacrado num combate. Este braço de protesto é hoje mais oportuno do que nunca. Os imperialistas ianques querem arrancar nossos jovens dos campos de futebol para enviá-los aos campos de morte na Coreia.

PARA QUEM HA LIBERDADE NO BRASIL?

Oito mortos e dez mil presos em dois anos de governo de Getúlio mostram em que espécie de «mundo livre» nos encontramos: o mundo dos latifundiários, dos grandes capitalistas, dos agentes do imperialismo — inque, mundo incompatível com as liberdades para o povo

Reportagem de JOSUÉ ALMEIDA

«COMOS parte do mundo livre. Vivemos sob uma democracia! — vivem a proclamar políticos e jornais, tanto do governo como da chamada oposição. Os fatos, contudo e, melhor ainda, os números, comprovam que a realidade é bem outra. Nestes dois anos do «período constitucional» de Getúlio — como dizem os mais extremados «oposicionistas» — o que o povo tem sentido é o desrespeito sistemático às liberdades, a violação permanente dos direitos do cidadão. E não se trata aqui apenas de perseguições a pessoas deste ou daquele partido político. Porque quem quer que se oponha à política de fome, de guerra e submissão do país aos trustes e ao governo dos Estados Unidos, pode experimentar na própria carne o que significa o decantado «mundo livre» ou a chamada «democracia constitucional» de Getúlio.

DERRAMADO O SANGUE DOS OPERÁRIOS

A Constituição inscreve o direito de greve. Esse direito é respeitado? Sabe-se que sob o atual governo pelo menos dois filhos da classe operária foram miseravelmente assassinados, muitos outros feridos, presos e processados por fazer uso desse direito. Quando os ferroviários da E. F. Jacuí, no Rio Grande do Sul se declararam em greve por aumento de salários e abono de Natal, a resposta do governo consistiu em mandar metralhá-los. Na covarde chafina perdeu a vida o foguista Francisco de Souza, deixando pluvia e três filhinhos orfãos. Um dia após a deflagração da recente greve dos têxteis cariocas, a polícia assassinava o jovem Altair Paula Rosa. Dessa forma, fica claro que o direito de greve existe no papel, mas que na realidade o que prevalece para o governo são os interesses dos patrões, sejam eles os magnatas gauchos do consórcio carbonífero CADEM, os tubarões cariocas dos tecidos ou quaisquer outros.

MARTIRES DA PAZ E DA INDEPENDENCIA NACIONAL

Ao se destacar como partidário da paz, Julio Cajazeira atraiu sobre si o ódio do governo e em geral dos homens do partido da guerra. Foi preso, a 5 de janeiro de 1952, em Barra Mansa, Estado do Rio, por fascistas do Exército. Espancado, primeiro no quartel, depois na delegacia, sucubiu masacrado. Entre as centenas de militares presos em todo o país, acusados de exercer «atividades subversivas», isto é, defender a paz, ser contra o envio de tropas para Coréia e a americanização das nossas Forças Armadas, esteve o talfeiro Clarindo, da Marinha de Guerra. No Regimento Sampaio, onde foi jogado, torturaram-no até à morte. Um dia seu corpo amanheceu no pátio do quartel, sem vida.

A Constituição também reafirma as tradições de paz do nosso país. Entretanto, o assassinato desses dois lutadores da mais elevada aspiração da humanidade, as perseguições a inúmeros outros partidários da paz evidenciam que a realidade sob a «democracia constitucional» de Getúlio e da «oposição» é bem outra. O que prevalece é o partido da guerra, o partido da sujeição dos interesses brasileiros aos Estados Unidos.

É PROIBIDO LUTAR CONTRA A FOME

O preço da carne foi aumentado. Trouxe benefícios para quem? Para os frigoríficos americanos e ingleses, para os grandes criadores de gado, entre os quais figura destacadamente o próprio Getúlio. E quem foi prejudicado? O povo gaúcho que, por isso mesmo, protestou energicamente. Os gauchos defendem o mais elemental de



Este cidadão que se vê no clichê, violentamente preso, é o coronel do Exército Olimpio Feras de Carvalho. É membro da direção do PTB, o partido de Getúlio. Mas, por ser pela paz, contra o Acôrdo Militar, para ele não há liberdade.

dois anos de «democracia constitucional». Os presos sobem a mais de 10 mil. Só no Distrito Federal, mil habeas-corpus foram requeridos para cidadãos violenta-

dos nos seus direitos. Uns foram indiciados ou denunciados mil sofreram processos, estiveram detidos, ou ciados judicialmente. «Mundo livre» para quem?

500 SE ENCONTRAM NOS CARCERES

Atualmente se acham encarceradas no Brasil cerca de 500 pessoas. Só no Nordeste há perto de 200 presos. Centenas de outros estão nos cárceres de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Sergipe e Bahia. São operários como Renalvo Siqueira Santos, de Alagóas, que se destacou na luta pelos direitos de seus irmãos trabalhadores. Patriotas como o herói nacional-libertador Agliberto Vieira de Azevedo, oficial das nossas Forças Aéreas, que nunca se conformou com a entrega do país ao colonizador estrangeiro, que não poupou esforços na luta contra a entrega de nossas bases militares aos americanos. São mulheres abnegadas como Maria Afonso Lins e Jean Sarkis, que não hesitaram em sacrificar a própria liberdade para protestar contra o envio de nossos marujos para a Coréia. Nessa longa lista não há um só latifundiário, um só grande capitalista; e os seus crimes — bem sabe o povo — existem, e como! A quem, pois, serve esta «democracia constitucional»?

MAIS DE 5 MIL PESSOAS SUJEITAS A CONDENAÇÃO

Condenados pelo crime de ser patriotas, de querer a paz em vez da guerra, de defender um regime de bem-estar para o nosso povo, existem oitenta brasileiros. Esse

todos os direitos: o direito à própria subsistência. A atitude do governo é conhecida. Foi ao lado dos exploradores. A heroica cidade do Rio Grande viu derramado o sangue de mais quatro dos seus nobres filhos: Jair dos Santos, Antonio Buchaum, Virgílio Rodrigues e Roberto Dau. Este, estudante; os três primeiros filhos da gloriosa classe operária.

MAIS DE DEZ MIL PRISÕES

Oito foi o número de brasileiros assassinados pelo governo de Vargas nestes

“SEUS NOMES ANUNCIAM O BRASIL LIVRE DE AMANHÃ” (PRESTES)



O talfeiro Clarindo, mártir da luta do nosso povo pela independência nacional e pela paz.



Francisco de Souza



O estudante Roberto Dau, varado pelas balas da policia de Getúlio e Dornelles nas lutas de Rio Grande contra a carestia de vida



Maria Afonso Lins



Jean Sarkis

número seria sem dúvida muito maior, não fosse a resistência que o povo brasileiro oferece aos processos-farsa, desmoralizando-os' levando a justiça a arquivá-los ou fazendo com que tenham marcha lenta. Ainda assim, é de cinco mil o número de pessoas processadas e sujeitas a condenação, de uma hora para outra, como sucedeu aos jornalistas Pedro Mota Lima, diretor da «Imprensa Popular», nome de projeção na imprensa latino-americana e Francisco de Campos Oliveira, redator-chefe do «Hoje» de São Paulo. Um como o outro denunciaram a política de guerra do governo: a americanização das nossas Forças Armadas e a conspiração para mandar tropas à Coréia.

O PROCESSO CONTRA PRESTES

Perseguindo os mais esclarecidos líderes do nosso povo, os imperialistas americanos e seus agentes nativos calculam que terão aberto o caminho para saquear o país e arrebatar o cargo de canhão. O processo contra Prestes, cujo nome de herói glorioso é pronunciado com carinho em todo o mundo, esboça de opróbrio a quem o patrocina caracteriza um governo e um regime.

O recente veto de Getúlio ao artigo 38 da nova lei de segurança, revela a sofreguidão com que esses lacaios dos americanos se lançam contra o querido e heroico chefe do povo brasileiro e outros dirigentes comunistas. Em nenhum caso, cabia o veto daquele dispositivo. Além de inconstitucional, era juridicamente nulo. Mas, ao cumprir ordens da embaixada americana cabia discutir? Não. Ordem é ordem. Getúlio vetou o artigo. No Parlamento, governistas e «oposicionistas» disseram «amem» com o mesmo servilismo.

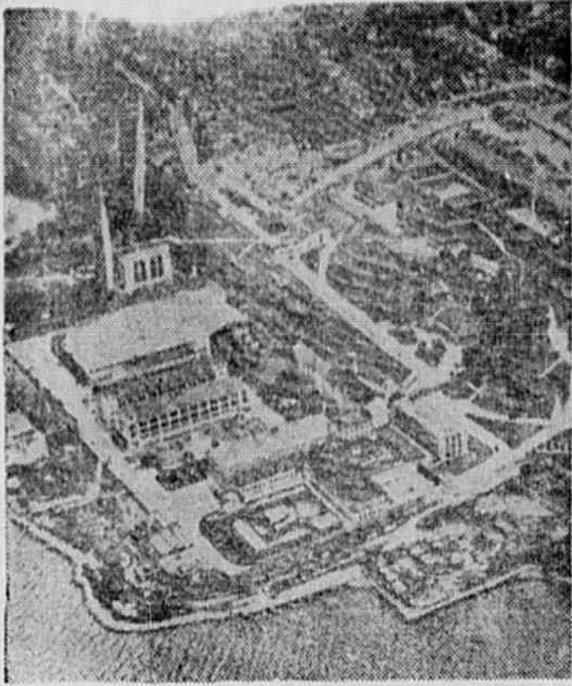
NOVAS FORMAS DE REPRESSÃO

Apesar de todo esse terror sangüinário, o povo luta mais e mais. Em 1952 o movimento grevista abrangeu mais de 500 mil operários, superando o ano anterior. O movimento de solidariedade aos presos políticos cresceu e se organizou. Muitos outros exemplos poderiam ser citados. Esta resistência patriótica obrigou a velha raposa fascista a voltar suas vistas para novas formas de repressão. A Justiça Militar, com os chamados processos militares foi atribuído papel de relevo. O sistema de «habeas-corpus» no Código da Justiça Militar, antiquado e draconiano, é diferente do que existe na justiça civil. O cidadão pode ser conservado preso por 30 dias, com outros 15 de prorrogação, sem processo e sumário. Assim são conservados presos muitos militares e civis. Centenas deles têm sido soltos após um ano ou mais de detenção completamente ilegal, por pressão popular, uma vez que não havia qualquer motivo para mantê-los no cárcere. São oficiais e praças das Forças Armadas, civis de diversas profissões — como o jornalista Luiz Maranhão Filho, sequestrado há quase três meses em Recife — que os fascistas envolvem nos tais processos militares. Os vigorosos protestos contra estas violências, por parte das famílias dos presos e o clamor popular que repercute na própria imprensa reacionária e chega até à ONU, têm encostado o governo à parede e imposto à política de guerra sucessivas derrotas.

GOVERNO E REGIME DE SANGUE E TERROR

Em recente carta à VOZ OPERÁRIA assinava um leitor, com simplicidade e absoluta exatidão, que cada novo governo é pior que o anterior. Por que isto acontece? Porque estes governos representam os mesmos interesses. Getúlio — como ontem Dutra — defende os interesses dos latifundiários, dos grandes capitalistas, dos trustes americanos. O que serve para eles — preços altos, exploração dos trabalhadores, saque das riquezas do Brasil — não serve evidentemente, para o povo. Por isso é que a luta pelas liberdades, bandeira que os brasileiros jamais baixarão, é a mesma luta por um novo regime — a luta por um governo que represente os interesses do povo, que nos traga paz, bem-estar, independência nacional. Um governo, enfim, sem latifundiários e sem grandes capitalistas.

PRISÃO

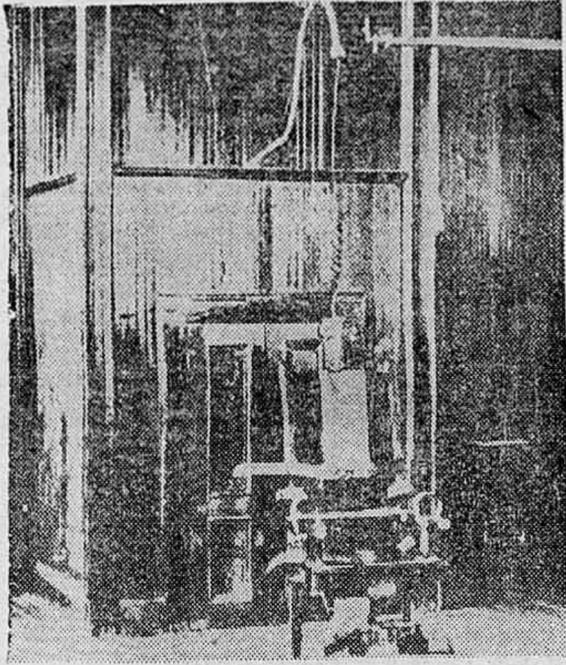


Esta é Sing-Sing, a monstruosa prisão americana de tenebrosa fama. É aí que estão confinados os Rosenberg. Dos protestos de todo o mundo dependem suas vidas.



CONDUZIDOS pela mão do carrasco os filhinhos do casal Rosenberg vão ao encontro de seus pais encarcerados

A CADEIRA ELÉTRICA



Esta é a cadeira elétrica da prisão de Sing-Sing. Com intervalo de poucos minutos os Rosenberg poderão sentar-se nela após o outro, caso os protestos dos povos não consigam impedir essa monstruosidade

O CARRASCO



Este homem, de fisionomia sinistra, é o carrasco de Sing-Sing.

Agora, a Salvação Total!

O clamor mundial contra a iniquidade da condenação dos Rosenberg leva a Corte de Nova York a adiar a execução da sentença de morte e é um estímulo para que se redobrem os protestos e seja para sempre afastada a ameaça que pesa sobre o jovem casal de judeus americanos

As horas passam. Os minutos passam. Não permitais que este crime contra a humanidade seja consumado. Este apelo de Pablo Picasso se torna cada vez mais atual. A nova medida adotada pela Suprema Corte de Apelação dos E.E.U.U. constitui uma significativa vitória de solidariedade internacional que durante largo tempo vem martelando os carrascos ianques, exigindo a comutação da pena dos prisioneiros da casa de morte de Sing-Sing. O «sursis» de execução concedido pela Corte de Nova York dá um prazo, fixado até 30 de março, para que o advogado Emanuel Bloch, defensor dos Rosenberg, apresente um pedido de revisão do processo, que possibilite anular a sentença iníqua ditada pelo juiz Kaufman. A decisão adotada pela Corte de Nova York estimula novos protestos e a intensificação da solidariedade internacional ao jovem casal de judeus inocentes.



Julius e Etel Rosenberg

UM APÊLO DO PAPA EM FAVOR DO CASAL

Segundo anuncia o «Observatório Romano», o Papa, atendendo aos clamores de milhares de católicos, enviou ao ex-presidente Truman um apelo em favor do casal Rosenberg «peios motivos supremos da caridade que são próprios de seu ministério apostólico». Acrescenta o órgão oficial do Vaticano que o Papa agiu na medida de suas possibilidades tendo em vista a falta de relações oficiais com as autoridades governamentais competentes. O pedido de graça do chefe de Igreja Católica Romano foi criminosamente ocultado à opinião pública e ao próprio Truman pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Idênticas manifestações pela concessão de clemência ao casal Rosenberg partiram da imprensa conservadora de muitos países, inclusive da imprensa francesa com protestos de «Le Monde» e «Le Figaro». O diário parisiense «Le Monde» estampou um artigo assinado por seu diretor, Hubert Beuve-Mér, no qual dizia: «na condenação do casal Rosenberg se encontram elementos que inquietam os espíritos livres, indaga a seguir se era possível existir um homem capaz de guardar na memória a fórmula da bomba atômica». O

escritor francês, Jean Paul Sartre, falando num comício de solidariedade ao casal Ethel e Julius Rosenberg exclamou por sua vez: «Hoje se deseja fazer dos Rosenberg os primeiros mortos da guerra em preparação. E nós não queremos saber nem destes mortos, nem destas guerras».

SOB O SIGNO DA CADEIRA ELÉTRICA

Há vinte e seis anos os bandidos imperialistas, condenaram e levaram à cadeira elétrica, Saco e Vanzetti, dois operários que pagaram por um crime que não cometeram. A cadeira de morte de Sing-Sing é ligada a cada passo para liquidar com uma vida. O negro Mac Gee foi levado à cadeira elétrica pelo simples fato de ser um homem de cor.

Através de um processo irregular e falho tentam os bandidos da guerra roubar agora a vida de dois jovens judeus americanos. Reconhecidamente falho, o processo, além de não levar em consideração os depoimentos insuspeitos de destacadas personalidades do mundo intelectual, foi considerado brutal e faccioso. Julius Rosenberg em carta dirigida ao jornal «Daily Worker» denunciou a desonestidade com que se comportaram os juizes da Tribu-

nal que «queriam que eu confessasse crimes que não cometi, que pretasse falso testemunho contra pessoas inocentes e me deixasse usar como instrumento da propaganda anti-soviética e anti-comunista». Julius citou ainda a carta que lhe foi dirigida por W. L. White, dirigente da organização reacionária e fascista «União das Liberdades Civis Americanas» na qual aquele dirigente dizia que os Rosenberg teriam pleito apelo ao seu pedido de clemência caso assinassem uma declaração «que o F.B.I. reconheceria como confissão plena e cabal». O notável jurista D.N. Pritt, Conselheiro da Rainha da Inglaterra, falando sobre o processo dos Rosenberg, afirmou: «é impossível justificar semelhante condenação». Comentando o facciosismo do processo, acrescentou: «o comportamento de juiz Kaufman é de modo a indicar que a histeria anti-comunista e anti-soviética chegou na America a tal ponto que é impossível uma atuação imparcial num caso político que envolva o comunismo ou a União Soviética».

LIVREMOS DA MORTE O CASAL DE INOCENTES

De todas as partes do mundo surgem os pedidos de clemência e liberdade para o casal Rosenberg. Einstein em seu apelo disse: «estou estupefacto diante da desigualdade de sanções e reclamo indigno o perdão para os dois inocentes. Mais de mil patriotas se revezam nos piquetes sucessivos diante da Casa Branca. O cientista Haroldo C. Urey, do Centro de Estudos Nucleares de Chicago, Prêmio Nobel de Química, diz num trecho de sua carta dirigida ao juiz Kaufman em favor da clemência aos jovens judeus: «Escrevo-lhe para instar pela comutação da pena de morte imposta ao casal Rosenberg por uma sentença mais branda. Li o depoimento feito no julgamento e, embora não tenha exberlencia das leis, em assuntos dessa natureza minha competência é comparável à dos jurados e do grande público interessado nesse assunto.»

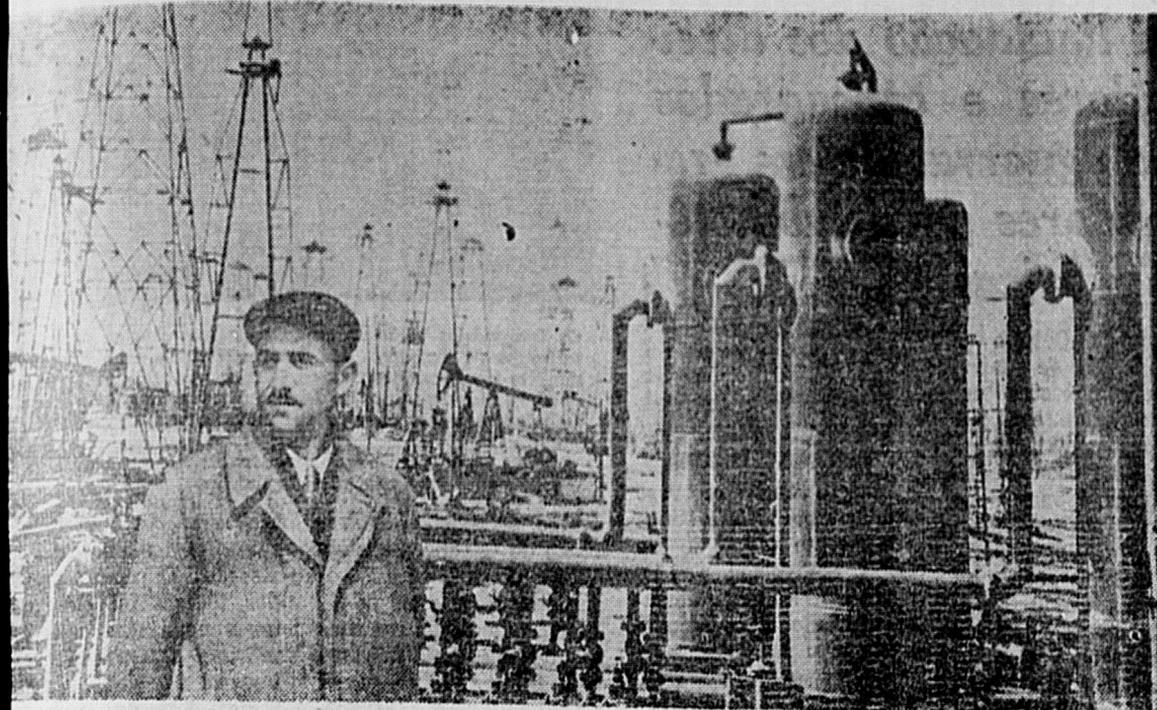
A humanidade assiste indignada à marcha tortuosa do processo infame movido contra os Rosenberg e exige a comutação da pena e a sua liberdade. Até 30 de março poderemos protestar aliando nossas manifestações às de milhões de cidadãos de sentimentos humanitários e honestos. Enviemos sem demora os nossos protestos à embaixada ianque e ao governo americano. Salvemos da morte o casal de inocentes Julius e Etel Rosenberg.

UM EXEMPLO PARA OS PAISES ATRASADOS ★

A melhor assistência médica do mundo

«Antes da instauração do poder Soviético, havia no Uzbequistão um médico por 31.000 habitantes. A situação é aproximadamente a mesma no Paquistão de hoje. Atualmente, na R.S.S. do Uzbequistão, há um médico para 895 habitantes. Esta república é muito melhor provida de médicos do que o Egito, por exemplo, onde há um médico para 4.350 habitantes, e melhor também do que os países da Europa Ocidental como a França, que possui um médico para cada 1.000 habitantes, e a Holanda onde há um médico para 1.160 habitantes.

Na R.S.S. do Azerbaijão, há um médico para 490 habitantes. A população do Azerbaijão soviético é dotada de uma assistência médica oito vezes e meia superior à da população da Turquia e 23 vezes superior à da população do Irã. Quanto à R.S.S. da Geórgia, onde cada médico assiste 373 pessoas, e a R.S.S. da Armênia, onde há um médico para cada 483 habitantes, a população dispõe de assistência médica em proporções notavelmente superiores às da população de qualquer outro país do mundo. Mas não se trata somente de que a população das repúblicas soviéticas têm a seu serviço grande número de médicos. Para completar este quadro deve-se considerar que, na União Soviética, todas as formas de assistência médica são fornecidas gratuitamente à população; milhões de trabalhadores beneficiam-se anualmente com a estadia nas melhores estações de cura e casas de repouso, no passo que nos países burgueses a assistência médica, na grande maioria dos casos, não é gratuita; além disso, seu preço é muito elevado, o que a torna inacessível às amplas massas de trabalhadores. Quanto às estações balneárias e de cura, são privilégio exclusivo dos parasitas exploradores.



Kuznetsk, cidade situada na longínqua Sibéria e que, ao tempo do tsarismo vivia no mais negro atraso, é hoje um grande centro industrial. Acima, aspecto da fábrica «Kuibishev», que produz em série classificadores em espiral para a indústria mineira.

Terminaram a Opressão e a Desigualdade Nacionais

Sabido que o tsarismo era o opressor e o carrasco dos povos da Rússia. Inúmeras nações não-ruínas estavam privadas de todos os direitos. Não eram organizadas como Estados e eram administradas por funcionários tsaristas; em todas as instituições os assuntos eram tratados em russo, língua incompreensível para as nacionalidades locais.

Sob o regime soviético, todos os povos de nosso país organizaram e desenvolveram seu sistema estatal sob o regime soviético as regiões nacionais da Rússia foram transformadas em colônias e semi-colônias, e os Estados realmente independentes, em repúblicas soviéticas dotadas de território próprio, de autonomia nacional, Constituição e legislação próprias. Nos órgãos do poder, nas organizações econômicas e administrativas, nos organismos judiciários das Repúblicas Nacionais e Autônomas, das regiões, distritos, subdistritos e aldeias nacionais, homens eleitos pelo povo, conhecedores de seus usos e costumes e da psicologia nacional da população do lugar, tratam dos assuntos do Estado na língua materna, compreendida por toda a população.

Desenvolvimento Industrial Sem Precedente

Sabido que, num passado ainda recente, as regiões orientais da Rússia tsarista quase não se distinguem, do ponto de vista do nível de desenvolvimento industrial, de seus vizinhos como a Turquia, o Irã, o Afeganistão. Sob o regime soviético, nossas repúblicas da Ásia central ultrapassaram rapidamente, desse ponto de vista, os países orientais limítrofes da URSS e deixaram muito para trás. Se tomamos um índice importante do nível de desenvolvimento industrial — a produção de energia elétrica e se compararmos, desse ponto de vista, as repúblicas soviéticas em questão com uma série de países do Oriente, veremos que nas cinco repúblicas soviéticas — Uzbequistão, Kirguizistão, Turcomênia e Tadjiquistão — a população é de cerca de 17 milhões de habitantes, produz-se três vezes mais energia elétrica que na Turquia, Irã, Paquistão, Egito, Irãque, Síria e Afeganistão somados e que têm uma população global de 156 milhões de habitantes. Se compararmos, do ponto de vista da produção de energia elétrica, uma república soviética como o Azerbaijão à Turquia, observa-se que o Azerbaijão soviético, com uma população sete vezes menor, produz quatro vezes mais energia elétrica que a Turquia que entregou seu pescoço ao nó corrediço da dominação americana.

Tomemos o exemplo do algodão um dos principais motivos industriais da agricultura desenvolvida e variada das repúblicas soviéticas do Oriente. O rendimento por hectare nessas repúblicas, em 1951, era de 21 quintais de algodão bruto, em média.

Nenhum país produtor de algodão conhece, em parte alguma do mundo, um rendimento comparável ao obtido pelos produtores soviéticos de algodão. Naquele mesmo ano de 1951, o rendimento da cultura algodoeira era de 11,5 quintais por hectare no Egito, de 8,3 nos Estados Unidos, de 5,4 na Índia, de 5,2 no Paquistão, de 7,2 na Turquia e de 4,5 no Irã.

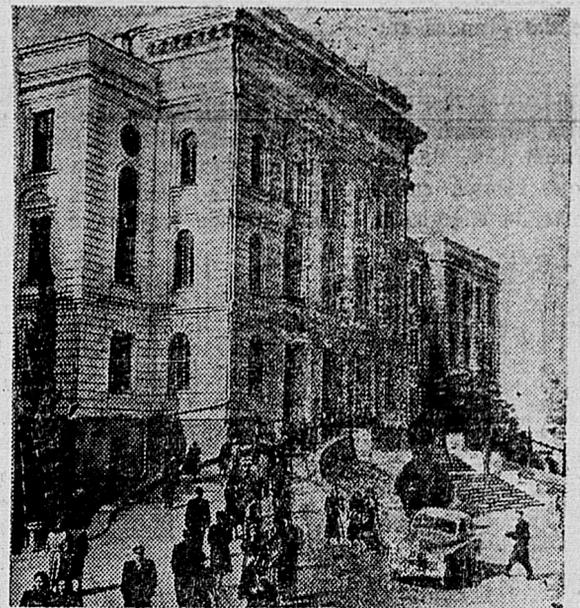
Deve-se levar em conta que estas abundantes colheitas são obtidas, nas repúblicas soviéticas orientais, em grandes áreas, como prova o fato de que as repúblicas soviéticas referidas produzem tanto algodão quanto a Índia, o Egito, o Irã, a Turquia e o Afeganistão somados.

Quanto ao grau de desenvolvimento do ensino superior, as repúblicas soviéticas ultrapassaram de muito não só os países estrangeiros do Oriente, mas também os países da Europa Ocidental.

Assim, por exemplo, na U.R.S.S. de Tadjiquistão, contam-se 58 pessoas que estudam nas escolas superiores por 10.000 habitantes, na R.S.S. da Turcomênia 60, na R.S.S. da Kirguizia 64, na R.S.S. do Uzbequistão, 71, na R.S.S. do Azerbaijão 93, ao passo que no Irã, entre 10.000 pessoas, somente 3 estudam em estabelecimento de ensino superior na Índia 9, no Egito e na Turquia 12, na Suécia 21, na Itália 32, na Dinamarca 34, na França 36.



T. Islamova, A. Pervushina e N. Konoschenko, auxiliares científicas da Academia de Ciências da República do Uzbequistão, observam algodoeiros cultivados em terra retirada da zona onde se constrói o Canal Central da Turcomênia.



De país atrasado e oprimido pela autocracia tsarista, a Geórgia passou a florescente centro de cultura. Vê-se aqui a Universidade Estatal, de Tbilisi.

A mudança de regime : causa desses êxitos

«Estes são alguns dos fatos que demonstram o desenvolvimento econômico das repúblicas nacionais da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esses fatos mostram que a economia dessas repúblicas progride e se desenvolve incessantemente, sem crises nem depressões. Esses fatos revelam, finalmente, o que podem obter os povos que rompem com o imperialismo e se libertam da dominação dos latifundiários e capitalistas.»

★ Trechos do discurso de L. Beria no XIX Congresso do P.C.U.S. — A ordenação dos trechos, o título e subtítulos são da redação

Militarização do Trabalho

O Acôrdo Militar, fazendo vigorar no Brasil uma lei americana, encerra a ameaça da liquidação dos direitos conquistados pelos trabalhadores e consagrados na legislação social -- O pacto de guerra põe em grave risco os direitos dos trabalhadores para submetê-los a regulamentos militares nas fábricas

Em que consiste a militarização do trabalho? Consiste na liquidação de todas as regalias e direitos dos trabalhadores. Com a militarização do trabalho o operário deixa de ser um livre trabalhador para receber o fardo pesado dos deveres de soldado. E algumas medidas de militarização já estão começando a vigorar no Brasil.

O governo já autorizou algumas grandes empresas a empregar o trabalho de 10 horas diárias. A princípio eram apenas quatro empresas, principalmente estrangeiras, que obtiveram essa concessão. Entretanto, hoje a lista é grande e tende a aumentar até atingir a totalidade das grandes empresas.

É o que acontece atualmente nas empresas paulistas Pirelli Cia. Industrial que fabrica cabos condutores de energia de

alta tensão para o exército, etc., Laminiação Nacional de Metais que em 2 anos produziu 100 milhões de pentes de metralhadoras, capsulas, etc. Nessas fábricas já fiscalizadas pelo exército, os operários vivem em regime militar, bastando dizer que quando os jovens atingem a idade de se incorporar às fileiras, o governo manda entregar-lhes certificados de 3.ª categoria e os dispensa dos serviços dos quartéis. Consideram o trabalho nessas empresas, essencial ao esforço de guerra muito embora não estejamos participando de nenhuma guerra.

MILITARES PASSEIAM NA FABRICA

Dentre as muitas empresas dirigidas pelo tubarão Horácio Lafer, encontra-se a Cobrasma (Cia. Brasileira de Material Ferroviário) estabelecida em Osasco, na capital paulista. Pois, bem. Essa grande empresa do

Ministro de Getúlio já está em regime de guerra, fiscalizada inclusive por oficiais do exército. O trabalhador naquela empresa tem uma vida semelhante a de caserna. Os operários trabalhando em excesso não podem reagir contra a exploração. As reclamações são punidas com dispensa, os salários são congelados. Quando surge qualquer movimento reivindicatório os oficiais começam a passear acinzentadamente pelas seções da fábrica com o objetivo de intimidar os operários. Não valem leis trabalhistas valem os regulamentos de caráter militar.

Mas, a General Motors também está enquadrada neste regime. Dentre os 80 carros que saem diariamente de suas linhas de montagem, nada menos de 40 são caminhões pesados destinados ao exército. Para garantir o êxito desta produção e repelir os movimentos de protesto dos operários contra a exploração, a empresa colocou um departamento policial, sob o comando de um tal Varela. Na fábrica andam policiais armados de revólveres e fardados, como se aquilo fosse um quartel ou um campo de concentração.

Em situação semelhante se encontram a Cia. Rodiaceta, a Nitroquímica e muitas outras.

20 HORAS DIARIAS DE TRABALHO

Dentre os trabalhadores que mais estão sentindo a política do governo de Getúlio de militarização do trabalho, se encontram os ferroviários. Inúmeras ferrovias encontram-se trabalhando ativamente para transportar minérios e matéria prima para a máquina de guerra norte-americana. A Comissão Mista Brasil-Estados Unidos controla todo o movimento das ferrovias e é quem determina a quantidade e o que se deve transportar.

Na Noroeste do Brasil, por exemplo, intensificase o transporte de urânio das minas de Uruçum, em Mato Grosso, para a exportação. Em consequência, os ferroviários trabalham cerca de 18 a 20 horas por dia, exgotando-se fisicamente.

Reportagem de STENIO DE CARVALHO

OS FERROVIÁRIOS ENLOUQUECEM

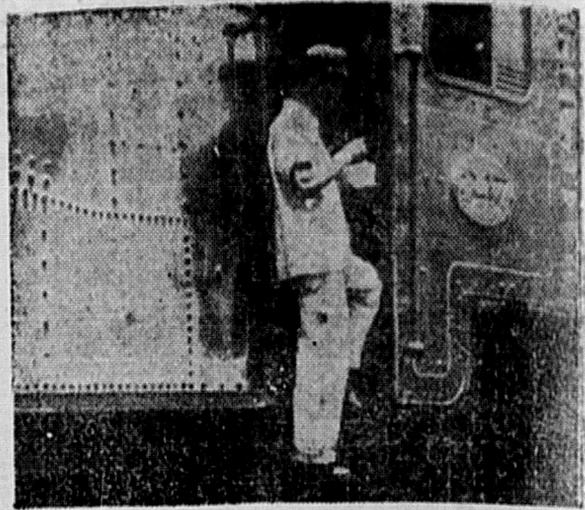
Mas, o maior terror se encontra na Vitória-Minas pertencente a Vale do Rio Doce, controlada pelos norte-americanos. Aumenta de ano para ano o transporte de minérios de ferro, chegando em 1951 a 1 milhão de toneladas. Entretanto, para chegar a esse total, o governo não aumentou o número de trabalhadores. Duplica a carga de cada trem transportado obrigando os ferroviários a trabalhar 40, 48 e até 70 horas consecutivas, sem que sejam pagas as horas extraordinárias por esse trabalho imposto pelo agente imperialista Juraci Magalhães. Os salários dos foguistas são de 1.000 a 1.150 cruzeiros, os dos maquinistas de 1.300 a 2.000 e os da conserva de 900 cruzeiros. Quando os trabalhadores exigem melhores condições de vida são vítimas do terror policial imposto por Juraci e pelo cel. Wolmar Carneiro da Cunha, superintendente da Cia.

Devido ao trabalho escravo, muitos trabalhadores já se encontram doentes, ameaçados de loucura e tuberculose, uma vez que padecem de «estafa» causada por excesso de trabalho e que se manifesta por perda de apetite, e do sono.

Alguns ferroviários ficaram loucos, tal como José Andrade e Manoel Guilherme, vítimas da política de guerra de Getúlio.

LIQUIDAÇÃO DA TAXA DO TRABALHO EXTRA

A militarização do trabalho que concorre para elevar os lucros dos grandes industriais está fazendo com que seus porta-vozes no governo puguem a diminuição dos salários. Assim é que de um lado como acontece na G.E., nas indústrias de tecidos, os patrões estão demitindo os operários antigos que percebem salários mais elevados e substituindo-os por novos e menores sob contratos curtos e com salários muito baixos e, de outro lado pela negativa de pagar as percentagens sobre as horas extraordinárias. Há pouco



Os ferroviários estão sofrendo as consequências da militarização do trabalho. Na Vitória-Minas a tonelagem de minério transportada para as fábricas de armamentos norte-americanas quase que duplicou enquanto o número de trabalhadores continua o mesmo. Resultado: passam a trabalhar até 70 horas consecutivas, ganhando salários de fome, terminando, por isso, tuberculosos ou atacados de loucura

tempo, o Ministro do Trabalho de Getúlio, Segadas Viana, propôs, para favorecer os industriais de S. Paulo, quando do racionamento de energia imposto pela Light, não se pagar as percentagens do trabalho extraordinário noturno.

AMEAÇADAS AS CONQUISTAS SOCIAIS

Essas medidas que já vêm sendo tomadas em grande escala, com a aprovação do Acordo Militar de Getúlio com os Estados Unidos, se transformarão numa ameaça ainda mais grave para os trabalhadores de todas as empresas.

O Acordo Militar no seu preâmbulo e no artigo I diz que o governo brasileiro estará sujeito a «todos os termos, condições e dispositivos relacionados com a cessação da vigência da Lei de Assistência Mútua, de 1949, da Lei de Segurança Mútua, de 1951 das respectivas leis modificativas e suplementares e verbas orçamentárias correspondentes». E o artigo IV obriga o governo brasileiro a arcar com as despesas com os gringos que vêm forçar o cumprimento pelo Brasil dos objetivos constantes da Lei de Segurança Mútua, de 1951.

Que lei é essa? Que diz essa lei americana?

A seção 516 da «Lei de Segurança Mútua» determina que o «desenvolvimento» dos recursos naturais dos países «ajudados» será feito pelo «trabalho livre».

O que eles entendem por trabalho livre? É o trabalho que não é regulado por qualquer legislação social, livre para os capitalistas explorarem o operário como o fazem nos Estados Unidos onde não há lei dos dois terços, direito de férias, estabilidade, previdência social, etc.

DERROTAR O ACORDO MILITAR

Por isso, ante tal ameaça, é que os trabalhadores brasileiros lutam com vigor contra o Acordo de guerra de Getúlio com os Estados Unidos. Em numerosas manifestações os

trabalhadores protestaram e protestam contra o Acordo. Durante a greve dos têxteis foi entregue um memorial com mais de mil assinaturas à Câmara Federal em sinal de protesto e contra a sua aprovação. E agora o Congresso de Previdência Social realizado em S. Paulo votou uma importante moção contra esse cambalacho que visa amordaçar o povo brasileiro.

A luta dos trabalhadores contra o Acordo Militar é a própria luta em defesa de seus interesses vitais.

Segadas Viana, como advogado do truste americano Standard Oil, está cumprindo o seu papel de inimigo dos trabalhadores e do povo brasileiro.

LEIS ESCRAVAS DURANTE A GUERRA PASSADA

As medidas que ora estão tomando os industriais contra os trabalhadores visam reeditar o que aconteceu durante a última guerra. Medidas drásticas contra os trabalhadores foram tomadas naquela época em que as grandes empresas foram consideradas de «interesse militar». Os «Avisos» afixados nas empresas advertiam que os operários estavam sujeitos, caso transgredissem as ordens dos patrões, a serem processados por um Tribunal Militar. A greve tornou-se crime contra o Estado, os trabalhos extraordinários eram obrigatórios, inclusive, para mulheres e menores, forçados a doar serviço até a madrugada; os operários que faltavam eram considerados desertores; não era permitido ao operário mudar de emprego, de residência ou casar-se, sem autorização dos patrões.

Finda a guerra, as indústrias têxteis, por decreto, deixaram de ser de interesse militar mas os magnatas, cinicamente, mantiveram por muito tempo ainda os Avisos para aferrolharem os trabalhadores. Ainda hoje em muitas ferrovias o sistema adotado durante a guerra está continuando



A militarização do trabalho significa maior exploração da classe operária, maiores lucros para os patrões. Os trabalhos extraordinários tornam-se obrigatórios e os salários congelados. As mulheres também ficam enquadradas no regime militar, fazendo trabalhos pesados, ganhando menos que os homens, sem direito a qualquer reclamação.